UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

EFICÁCIA TERAPÊUTICA DE RNAS DE INTERFERÊNCIA (siRNAS) E AVALIAÇÃO DA RESPOSTA IMUNE EM CAMUNDONGOS INFECTADOS COM VÍRUS DA RAIVA DE ORIGEM DE CÃO E DE MORCEGO

CAMILA MICHELE APPOLINÁRIO-HARARY

Botucatu – SP

Junho/2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

EFICÁCIA TERAPÊUTICA DE RNAS DE INTERFERÊNCIA (siRNAS) E AVALIAÇÃO DA RESPOSTA IMUNE EM CAMUNDONGOS INFECTADOS COM VÍRUS DA RAIVA DE ORIGEM DE CÃO E DE MORCEGO

CAMILA MICHELE APPOLINÁRIO-HARARY

Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária para obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof. Dra.Jane Megid

Título: EFICÁCIA TERAPÊUTICA DE RNAS DE INTERFERÊNCIA (siRNAS) E AVALIAÇÃO DA RESPOSTA IMUNE EM CAMUNDONGOS INFECTADOS COM VÍRUS DA RAIVA DE ORIGEM DE CÃO E DE MORCEGO

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Profa Titular Drª Jane Megid
Presidente e Orientadora
Departamento de Higiene Veterinária e Saúde Pública
FMVZ – UNESP – Botucatu

_____

Prof. Titular Dr. Hélio Langoni
Membro
Departamento de Higiene Veterinária e Saúde Pública
FMVZ – UNESP – Botucatu

_____

Prof. Dr. Paulo Eduardo Brandão
Membro
Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal
FMVZ-USP- São Paulo

_____

Prof. Dr. Marcos Bryan Heinemann
Membro
Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal
FMVZ-USP- São Paulo

_____

Prof. Dr. Carlos Zanetti

Membro

Centro de Ciências Biológicas

Univ. Federal de Santa Catarina- Florianópolis

_____

Profa. Dra. Adriana Cortez

Suplente

Faculdade de Medicina Veterinária

Universidade Santo Amaro-SP

_____

Prof. Dr. Antônio Carlos Paes

Suplente

Departamento de Higiene Veterinária e Saúde Pública

FMVZ – UNESP – Botucatu

_____

Prof. Dr. José Paes de Almeida Nogueira Pinto

Suplente

Departamento de Higiene Veterinária e Saúde Pública

FMVZ – UNESP – Botucatu

Data da defesa: 30 de junho de 2014

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Marli e Jair, `a minha querida irmã Louise e ao meu companheiro para a vida toda Luciano...sinto o carinho, amor e a preocupação de vocês mesmo quando estamos separados por centenas ou milhares de quilômetros!

"Não há lugar para a sabedoria, onde não há paciência "

(Santo Agostinho)

AGRADECIMENTOS

Embora já tenha dedicado este trabalho aos meus pais, Marli e Jair ainda assim, eles merecem um parágrafo nesta seção!! Agradeço por serem exemplos de dedicação, amor, caráter e perseverança...mas sobretudo, agradeço por vocês nunca terem reprimido a imensa curiosidade que sempre tive pelas coisas ao meu redor, desde a mais tenra idade. Agradeço pelas broncas que nunca levei da minha mãe, toda vez que eu transformava o quintal de casa numa sala de anatomia, com todas as minhocas, lagartixas e passarinhos que tive a curiosidade de “inspecionar” o interior...e minha mãe estava sempre lá, meio enojada mas feliz de saber que aquilo tornava minhas tardes incríveis!!! Obrigada por sempre terem preservado e incentivado isto em mim!

Agradeço `a minha querida orientadora Dra. Jane Megid, por estes anos de ensinamento, mas principalmente, por sempre ter levado minhas ideias e sugestões em consideração; nem todos conseguem fazer isso na sua posição! Também agradeço por você ter me escolhido no meio de tantos outros há 12 anos atrás, você mal me conhecia mas enxergou meu potencial e confiou no meu trabalho! Depois de tantos anos, além de mestre, fico contente de também poder chamá-la de amiga!

Agradeço a todos os meus colegas do Laboratório de Biologia Molecular das Enfermidades Infecciosas, os que continuam por lá, os que chegaram há pouco ou aos que já se foram: Clovis R. Fonseca, Susan Allendorf, Marina G. Peres, Acácia F. Vicente, João Marcelo A.P. Antunes, Joseane Cipriano, Luciana Fachini, Mateus Mioni, Bruna Davidé e Vanessa Pelicia. Sem a colaboração de todos o desenvolvimento deste trabalho não teria sido possível!!

Muito obrigada aos professores Dr. Danillo Pinhal (Dpto de Genética-Inst. Biociências- Unesp-Botucatu), Dr. Paulo Ribolla (Dpto de Parasitologia -Inst. Biociências- Unesp-Botucatu) e Dr. Hélio Langoni (DHVSP-FMVZ- Unesp-Botucatu) por terem permitido, com tamanha boa vontade, que eu utilizasse seus equipamentos durante a fase de execução deste projeto.

Agradeço de forma especial, minha querida amiga Dra. Ligia Mota (Dpto de Genética-Inst. Biociências- Unesp-Botucatu). Sempre vou lembrar de todo o carinho e ajuda prestada nas horas mais difíceis!

Agradeço ao Dr. Alan C. Jackson (Dpto de Neurologia- Faculdade de Medicina- Universidade de Manitoba, Winnipeg) pelo conhecimento compartilhado e por toda ajuda durante minha estada ao Canadá.

Agradeço a todos do Dpto de Higiene Veterinária e Saúde Pública e também aos funcionários da Pós-Graduação da FMVZ que de alguma forma colaboraram, direta ou indiretamente, para a execução deste projeto.

À CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida, e `a Fapesp e CNPq pelos auxilios `a pesquisa.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

APPOLINARIO-HARARY, C.M. **Eficácia terapêutica de RNAs de interferência (siRNAs) e avaliação da resposta imune em camundongos infectados com vírus da raiva de origem de cão e de morcego.** Botucatu, 2014. 131 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu, Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

A raiva é uma doença infecciosa letal que mata mais de 55 mil pessoas por ano em todo o mundo, embora a morte possa ser evitada se um tratamento pós-expositivo baseado no uso de vacina anti-rábica e imunoglobulinas for aplicado a tempo. Após o aparecimento dos sinais clínicos, não existe qualquer terapia eficaz disponível. As citocinas e quimiocinas são cruciais no desenvolvimento da resposta imune do hospedeiro. Este estudo teve como objetivo avaliar a expressão gênica de citocinas e quimiocinas relacionadas à resposta imune e também avaliar a eficácia da terapia com siRNAs em camundongos inoculados com virus de cão ou de morcego. Os resultados demonstraram que o perfil de expressão de citocinas e quimiocinas foi intrínseco `a variante viral e a produção precoce destas sugere ser mais importante do que seus níveis de expressão para a sobrevivência na raiva. Em relação à avaliação da terapia com siRNAs, embora nenhuma diferença tenha sido observada na taxa de letalidade entre os grupos tratados e não-tratados, a avaliação clínica de animais inoculados com a variante de cão mostrou menor severidade da doença clínica no grupo tratado quando comparado ao seu controle, associado a uma baixa expressão do gene N e de todos os marcadores imunológicos avaliados aos 5 dias. Os resultados deste estudo forneceram alguma evidência da eficácia da terapia com siRNA em infecções causadas pela variante de cão, a despeito da causada pela variante de morcego.

Palavras chave: Raiva; Resposta imune; siRNA; Cão; Morcego

APPOLINARIO-HARARY, C.M. **Therapeutic efficacy of interfering RNAs (siRNAs) and immune response evaluation in rabies infected mice due to dog virus and bat virus.** Botucatu, 2011. 131 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu, Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT

Rabies is a lethal infectious disease that kills more than 55 thousand persons per year worldwide although death can be avoided if a post-exposure prophylaxis based in anti-rabies vaccine and immune globulins can be applied on time. After the onset of clinical signs, there is no effective therapy available. Cytokines and chemokines are crucial for host immune response development. This study had as purpose to evaluate the gene expression of cytokines and chemokynes related to the immune response and also to evaluate the efficacy of siRNAs therapy in mice inoculated with dog or bat virus. Results demonstrated that the gene expression profile was intrinsic to virus variant and the precocious production seemed to be more important than their expression levels for rabies survival. Therapy with siRNAs therapy showed no difference in the lethality rate between treated groups and controls but clinical evaluation of animals inoculated with dog variant showed less severity of clinical disease in the treated group compared with control, also associated with a low expression of *N* gene and of all immune markers evaluated at 5 days. Results provided some evidence of the efficacy of siRNAs therapy in infections due to dog variant but not due to bat variant in the present study.

Key words: Rabies; Immune response; siRNA; Dog; Bat

CAPÍTULO 1

Introdução

A Raiva é uma zoonose relatada em todos os continentes, fazendo-se exceção a Antártida. Causa aproximadamente 55-60 mil mortes ao ano, principalmente nos países asiáticos e africanos (WUNNER e BRIGGS, 2010; WHO, 2013). O vírus da raiva (RABV) causa encefalite aguda e, após o início dos sinais clínicos, a letalidade é de 100% na maioria dos casos, sendo considerada a maior taxa de caso-fatalidade dentre as enfermidades infecciosas (FOOKS et al., 2014). No entanto, pode ser evitada por meio de terapia pós-expositiva, baseada no uso de vacina anti-rábica e soro hiper imune, aplicadas de maneira adequada e em tempo hábil (RUPPRECHT, WILLOUGHBY e SLATE, 2006). Apenas dez sobreviventes de um quadro clinico de raiva estão relatados na literatura científica, embora apenas oito possam ser considerados pelo correto diagnóstico (JACKSON, 2013). Um fator comum a todos eles é a presença precoce de anticorpos anti-rábicos soroneutralizantes no líquido cefalorraquidiano, o que não acontece nos casos de óbito, quando estes anticorpos somente são detectados numa fase terminal, indicando que uma pronta resposta imune no sistema nervoso central (SNC) desempenha um papel importante no desfecho clinico (JACKSON, 2014). No entanto, a ativação da resposta nos casos de raiva, não esta limitada apenas à capacidade do hospedeiro em lidar com o agente agressor, mas diretamente relacionada `a patogenicidade da amostra viral, uma vez que, estudos demonstram que quanto mais patogênico o virus, maior a capacidade dele em evadir a resposta imune celular e gerar pouca inflamação no SNC (BALOUL e LAFON, 2003; WANG et al., 2005; LAOTHAMATAS et al., 2008). Durante a infecção, a resposta imune imediata envolve a liberação de diversas citocinas e quimiocinas, tanto pelos neurônios lesados como pelas células da glia, no caso das afecções que acometem o SNC (GRIFFIN, 2003). Estas citocinas e quimiocinas são responsáveis por conter a progressão do virus até que uma resposta imune celular especifica, com consequente produção de anticorpos seja instaurada, sendo a inibição destes mediadores, um

mecanismo de evasão do virus da raiva (CHOPY et al., 2011; NIU et al., 2011). Acredita-se também que as amostras de morcego tendem a ser menos patogênicas do que as amostras oriundas de cão, uma vez que nos dois casos de completa recuperação dos pacientes acometidos por raiva, uma jovem americana e um jovem brasileiro, o animal agressor havia sido um morcego (LAFON, 2005; JACKSON, 2014)

O conhecimento dos mecanismos de replicação e patogenicidade viral que possuímos na atualidade, ainda não foram suficientes para a elaboração de uma terapia comprovadamente eficaz contra RABV, sendo novas drogas e possíveis terapias sempre consideradas pelos pesquisadores da área, como é o caso da terapia utilizando o mecanismo de interferência pelo RNA, também conhecida por RNAi. Os RNAs de interferência vem sendo testados no tratamento de vários processos infecciosos, com resultados promissores, inclusive nas infecções pelo virus da raiva *"in vitro"* e "*in vivo*" (BRANDÃO et al., 2007; GUPTA et al., 2012; YANG et al., 2012; MESHRAM, 2013) no entanto, poucos utilizam amostras de rua do virus nos estudos experimentais, o que dificulta a avaliação da real eficácia desta terapia.

O estudo apresentado a seguir, teve como objetivos, avaliar a eficácia terapêutica de RNAi no tratamento da raiva experimental em camundongos infectados com amostras de rua do virus da raiva, sendo uma de cão (variante 2) e outra de morcego hematófago (variante 3); além de avaliar, no cérebro dos animais, a resposta imune induzida por estas distintas variantes de RABV.

Revisão de Literatura

Raiva: aspectos gerais e imunológicos.

O vírus da raiva (RABV), pertence ao gênero *Lyssavirus*, família *Rhabdoviridae* e ordem *Mononegavirales* (FAUQUET et al., 2005). É composto por um genoma de 12 kb, que sintetiza cinco

proteínas, sendo elas nucleoproteína (N), fosfoproteína (P), matriz (M), glicoproteina (G) e RNA-dependente-RNA polimerase (L) (JOHNSON at al., 2010). Possui caráter neurotrópico e causa encefalite aguda e fatal nos mamíferos, sendo as ordens *Carnivora* e *Chiroptera* as principais responsáveis por perpetuarem o vírus na natureza (RUPPRECHT et al., 2002).

RABV é transmitido, na grande maioria dos casos, pela saliva de um animal infectado por meio de mordidas, arranhões e contato com mucosas. Invade o Sistema Nervoso Central (SNC) por meio da ligação com receptores neuronais, presentes nas junções neuromusculares dos neurônios motores ou nas terminações dos neurônios sensoriais. Vários receptores podem ser utilizados, como o da acetilcolina, molécula de adesão da célula neuronal ou o receptor do fator de crescimento neuronal (WANG et al., 2005). A partir desta ligação, o virus é transportado até o gânglio dorsal da medula espinhal, onde sofre uma primeira replicação que permite sua detecção inicial. Através do transporte axonal, RABV chega ao cérebro, sendo este o local de eleição para uma replicação intensa, realizando em seguida uma migração centrifuga, que permite com que o virus se dissemine pelo corpo sempre por meio das terminações nervosas, fato este, que explica a possibilidade de transmissão da raiva nos casos de transplante de órgãos (VORA et al., 2013), incluindo as das glândulas salivares, por onde ele é excretado, completando seu ciclo ao infectar um novo hospedeiro (JOHNSON et al., 2010), O período de incubação da doença em seres humanos pode ser de semanas, meses e mais raramente, de anos, sendo que neste último caso, acredita-se que o vírus se mantenha em estado inativo ou replica-se em níveis muito baixos no tecido muscular próximo ao local de entrada. Após a entrada no SNC, sinais e sintomas ocasionados pela infecção, como dor/parestesia no local da agressão, febre, fadiga, fraqueza dos membros, dores de cabeça, confusão mental e ansiedade são relatados e precedem o quadro clinico de encefalite (JOHNSON et al., 2010).

A replicação viral ocorre no corpo celular dos neurônios, onde as proteínas virais podem ser detectadas nos dendritos, local onde se concentra o retículo endoplasmático rugoso, favorecendo a produção proteica. A propagação do vírus ocorre através de transferência transneuronal, por meio de vesículas axonais que são liberadas nas sinapses. Para que esta propagação seja bem sucedida, é necessário que os axônios e dendritos dos neurônios sejam preservados até que todo o processo de produção, montagem e liberação das novas partículas virais esteja completo (UGOLINI, 2010; KLINGEN et al., 2008; GUIGONI E COULON, 2002). No período mais tardio da infecção, quando RABV já está sendo eliminado pela saliva, os neurônios entram em processo de exaustão, acompanhado de disfunções e danos estruturais neuronais (LI, SARMENTO e FU, 2005; SCOTT et al., 2008; JACKSON et al., 2010). Estudos anatomopatológicos demonstram que animais e humanos infectados com RABV, comparativamente a outras encefalites virais, apresentam inflamação e destruição neuronal minimas (MORIMOTO et al; 1999; WANG et al., 2005; JACKSON et al., 2008), sendo estes indícios de evasão viral (LAFON, 2011). No entanto, há diferenças nestes achados, na dependência da amostra de RABV, sendo que amostras atenuadas induzem inflamação e morte neuronal (HOOPER et al., 2011; LAFON, 2011).

As infecções do SNC são controladas, em sua grande maioria, pela infiltração de linfócitos T, que são atraídos, juntamente com linfócitos B e macrófagos, ao local da infecção pelas citocinas e quimiocinas produzidas, a priori, pelas células residentes do SNC em resposta a infecção viral (ZHANG et al., 2008). Nos casos das infecções por RABV as células T são incapazes de debelar a infecção, pois são alvo de mecanismos de inativação induzidos pelo próprio vírus. Dentre estes podemos citar uma maior síntese de calcitonina, somatostatina, peptídeos vasointestinais e também pelo aumento de expressão de proteínas nos neurônios, como B7 Homolog (B7-H1) e FasL (Fas Ligand ou CD95L), que ao reconhecerem seus receptores nos linfócitos T, induzem a apoptose destes (BALOUL e LAFON, 2003;

BALOUL, CAMELO e LAFON, 2004; LAFON, 2005; LAFON et al., 2008; WEIHE et al., 2008). Interessante a ser notado é que o aumento de expressão de B7-H1 ocorre pela presença de moléculas como fator de necrose tumoral alfa (TNFα) e principalmente, pela presença de interferon beta (IFNβ), uma citocina a ser liberada de forma precoce pelas células infectadas por ter eficiente ação antiviral, ou seja, RABV dribla este mecanismo imune em favor da sua replicação (SARKAR e SEN, 2004; LAFON, 2011).

Após a penetração de RABV nos neurônios, os Toll-Like Receptors (TLRS) e RIG-I-Like Receptors (RLRs) são responsáveis por sinalizarem a presença viral e por iniciarem os mecanismos de defesa imediatos e subsequentemente, a resposta imune celular especifica (PREHAUD et al., 2005; LI et al., 2011). Este mecanismo de sinalização é essencialmente realizado pela liberação de citocinas e quimiocinas (MURPHY, 1977; ZLOTNIK e YOSHIE, 2000; MELCHJORSEN, 2003).

Citocinas e quimiocinas são proteínas produzidas e liberadas, predominantemente, pelas células mononucleares fagocíticas e por outras células apresentadoras de antígenos, além dos linfócitos T. O tipo de citocina produzida irá determinar o perfil da resposta gerada, podendo ser citotóxica, humoral, mediada por células ou alérgica (BORISH e STEINKE, 2003). As citocinas agem de maneira integrada, uma vez que a liberação de uma estimula a produção e secreção de outras moléculas, resultando no recrutamento de células inflamatórias para o SNC, a indução de uma resposta imune especifica, e consequentemente, influenciando na neuroinvasividade viral (FABER et al., 2004).

A infecção pelo RABV leva principalmente a produção de altos níveis de Interferon tipo I, especialmente de IFN-beta (IFNβ), após reconhecimento e ativação dos TLRs e RLRs (NAKAMICHI et al., 2004; FAUL et al., 2010) sendo esta citocina importante entre a ligação da resposta imune inata com a adquirida (BIRON, 2001). A infecção leva a ativação dos fatores reguladores de IFN (IRF), IRF-3 e IRF-7 que por sua vez passam a estimular genes sensíveis ao IFN (ISGs)

(TANIGUCHI e TAKAOKA, 2002), como OAS1 que também exerce ação antiviral (CHOPY et al., 2011). Embora a produção de IFNβ seja um mecanismo de defesa importante para a célula infectada, pois exerce efeito antiviral e induz uma cascata de ativação, as amostras altamente patogênicas conseguem utilizar a expressão de B7-H1, que é uma molécula IFN-dependente, para impedir o reconhecimento dos neurônios infectados por parte dos linfócitos T (LAFON et al., 2008).

Contrariamente `as amostras altamente patogênicas, as amostras atenuadas de RABV levam a uma elevada expressão de citocinas (WANG et al., 2005; SUGIURA et al., 2011; ZHAO et al., 2011), maior infiltração de células inflamatórias no SNC, bem como aumento na permeabilidade da barreira hemato-encefalica (BHE) relacionado à presença de IFN-gama (IFNγ), estando estes fatores associados ao *clearance* viral (PHARES et al., 2007; ROY et al., 2007; ROY e HOOPER, 2007; SPINDLER e HSU, 2012) e consequentemente, a uma maior chance de sobrevivência (PHARES et al., 2006; KUANG et al., 2009).

A duração da expressão dos genes relacionados à resposta imune varia de acordo com a amostra viral e o acúmulo de células inflamatórias no SNC, podendo ser deletério, uma vez que, a persistente migração de células T e neutrófilos para o interior do SNC acarretam em liberação de mais radicais livres e citocinas pró-inflamatórias que causam destruição do tecido nervoso (FU et al., 1993; NIU et al., 2011). Em estudo realizado por Zhao e colaboradores (2009), uma amostra atenuada de RABV foi geneticamente modificada para expressar três quimiocinas, CCL3, CCL5 e CXCL10. Demonstrou-se que os animais inoculados com o vírus expressando CCL3 apresentaram menor severidade do quadro clinico quando comparado ao vírus não modificado, no entanto, nos animais inoculados com CCL5, e principalmente com CXCL10, o quadro clínico foi de grave doença neurológica, explicado pela expressão continua destas quimiocinas, que ocasionaram uma penetração e acúmulo massivo de células inflamatórias decorrente do aumento da permeabilidade da BHE, confirmando que a expressão de quimiocinas é importante para o

controle da infecção, mas pode ser nocivo quando excessiva e não controlada.

Abordagem terapêutica na raiva

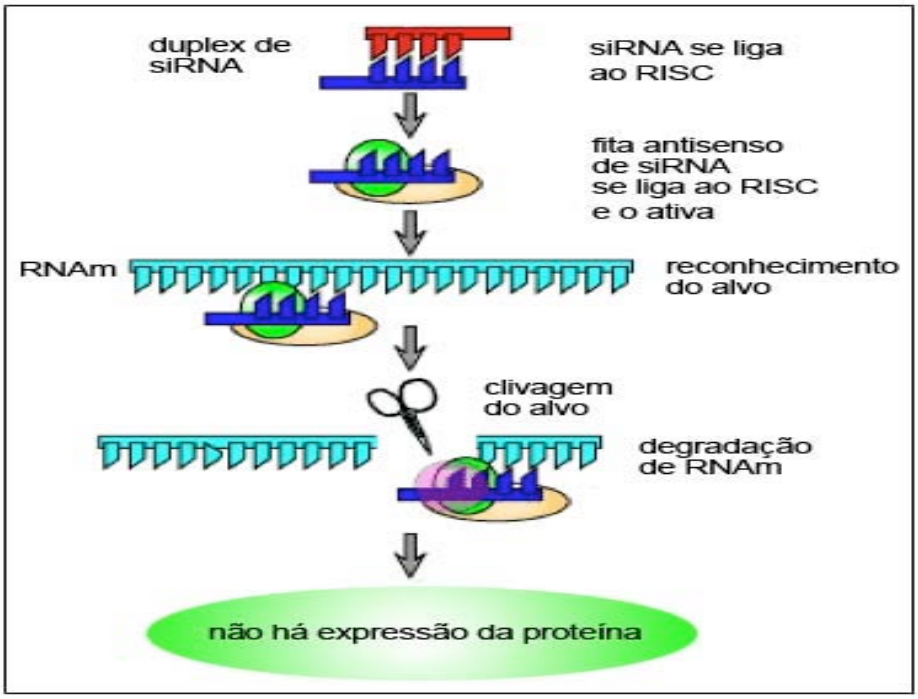
As primeiras tentativas terapêuticas na raiva ocorreram em 1889, com a utilização de soro hiper imune, sendo que várias surgiram posteriormente com uso de interferons, indutores de interferons e substâncias imunomoduladoras, no entanto, sem qualquer sucesso (HARMON e JANIS, 1975; BAER et al., 1977; MORENO et al.,1979; SODJA e HOLY, 1980; PEPIN e BLANCOU, 1985; BUSSEREAU,1986a; BUSSEREAU, 1986b ; SODJA, 1986; CHAVALI e CAMPBELL, 1987), sendo os únicos relatos de sobreviventes, aqueles submetidos a terapia pós-expositiva baseada no uso associado de vacinas e soro hiperimune (JACKSON, 2014).

No entanto, no ano de 2004, uma jovem americana, após dar entrada em um hospital em Wisconsin com alterações neurológicas, um histórico de agressão por um morcego, e presença de anticorpos anti-rábicos soroneutralizantes sobreviveu sem ter recebido qualquer tratamento pós-expositivo baseado em vacina e sorohiperimune (JACKSON, 2009). O protocolo terapêutico aplicado neste caso ficou conhecido como "Protocolo de Milwaukee" sendo sua primeira versão baseada em indução do estado de coma pela administração de benzodiazepínicos e barbitúricos, bem como na aplicação de ketamina intravenosa, ribavirina e amantadina (WILLOUGHBY et al., 2005). Este protocolo, a principio, causou grande alvoroço e expectativas positivas na comunidade médica, no entanto, após 10 anos, ele não apresentou resultados satisfatórios e seu principal componente, o coma induzido, foi abandonado por comprovada falta de eficácia e potenciais efeitos adversos (HEMACHUDA et al, 2006; JACKSON, 2013). Estudos *post-mortem* em amostras de pacientes submetidos ao protocolo, demonstraram uma grande quantidade de vírus da raiva no tecido cerebral, atestando a ineficácia deste em prevenir a morte ou mesmo em reduzir o nível de infecção no cérebro (McDERMID et l., 2008; HUNTER et al., 2010; MAIER et al., 2010).

Foram relatados pelo menos 26 casos em que o protocolo de Milwaukee foi utilizado sem sucesso (HEMACHUDHA et al., 2006; JACKSON, 2009; JACKSON, 2010; JACKSON, 2013), ressaltando a necessidade de terapias novas e comprovadamente eficientes.

Nova abordagem terapêutica

O RNA de interferência (RNAi) é um mecanismo endógeno de inibição ou silenciamento pós-transcricional, descoberto e descrito por Napoli et al. (1990) em trabalhos com flores e elucidado por Fire et al. (1998). O mecanismo se baseia no princípio de que uma fita dupla de RNA, composta por cerca de 20 pares de bases (siRNA), e com sequência anti-senso complementar a um RNA mensageiro (RNAm) alvo, seja capaz de desencadear a clivagem deste, impossibilitando assim a sua decodificação. Internalizado pela célula, já no citoplasma, o siRNA é capturado por um complexo ubiquitário de proteínas denominado RISC (complexo silenciador induzido por RNA), o qual possui um domínio de ligação RNA dupla-fita e um domínio com atividade de ribonuclease. A ligação siRNA-RISC ativa o complexo e leva à separação da fita-dupla de RNA e à degradação do RNAm alvo que está ligado com a fita anti-senso do siRNA, impossibilitando sua transcrição e consequentemente a síntese protéica (AKHTAR e BENTER, 2007) (Figura 1).



Fonte: Durymanova-Ono, 2010

FIGURA 1- Esquema gráfico do mecanismo de ação do RNAi.

O mecanismo de RNAi tem um papel importante na defesa celular contra a agressão viral, além de outras funções importantes, como a mobilidade de elementos genéticos e a regulação da expressão de genes relacionados ao desenvolvimento nos animais (MESHRAM et al., 2013). Nas últimas décadas, o potencial geral deste mecanismo tem estimulado estudos quanto a utilização de siRNA e microRNA no tratamento de doenças não infecciosas, como problemas cardíacos, doença de Huntington, diversos tipos de câncer e tumores, problemas capilares, doenças oculare e artrite autoimune (ARAÚJO et al., 2010; ZHENG et al., 2010; CHEN e ZHAORI, 2011), bem como em doenças infecciosas como dengue (SANCHEZ-VARGAS et al., 2004; MUKHERJEE e HANLEY, 2010), problemas respiratórios causado por Vírus Sincicial Respiratório, (CHANG et al., 2007), Influenza (SCULL e RICE, 2010), tuberculose (JAYASWAL et al., 2010), SARS (WANG et al., 2010), AIDS (CHEN e ZHAORI, 2011) e Herpes Simplex tipo 2 (KATAKOWSKY e PALLISER, 2010) dentre outras.

Na raiva foi testado *in vitro* e *in vivo,* sendo as sequências- alvo mais comuns os genes da nucleoproteína (N), da glicoproteína (G) e/ou

da polimerase (L) (ISRASENA et al., 2011). Um dos principais desafios quanto ao uso do siRNA, consiste no desenvolvimento de um sistema de transporte desta molécula para o interior da célula-alvo, uma vez que a polaridade e tamanho não permitem que ela passe pela membrana celular com facilidade. Dois tipos de transporte são descritos, os vetores virais, como os adenovírus, ou plasmídeos de DNA capazes de carrear o shRNA (*short-harpin RNA*), que no interior da célula hospedeira se transformará em siRNAs, e os vetores não virais como polímeros, lipossomos catiônicos e complexos peptídicos (CHEN e ZHAORI, 2011; GUPTA et al., 2012; YANG et al., 2012).

Em todos os estudos publicados, siRNA demonstrou em alguma instância, inibir a replicação viral (BRANDÃO et al., 2007; ISRASENA et al., 2009; GUPTA et al., 2012; YANG et al., 2012; MESHRAM, 2013), o que ressalta o potencial de tal tecnologia como uma alternativa terapêutica na raiva. No entanto, algumas dificuldades ainda devem ser transpostas, como um método mais eficiente de carreamento e principalmente, a limitação do silenciamento frente a amostras de rua do virus, uma vez que estas possuem alta taxa de variabilidade genética (ISRASENA et al., 2011).

CAPÍTULO 2

Artigo encaminhado para:

Journal of Veterinary Immunology And Immunopathology

Immune response evaluation in mice infected with wild-type strains of rabies virus

Camila M. Appolinário[1], Susan Dora Allendorf[1], Marina Gea Peres[1], Clóvis R. Fonseca[1], Acácia Ferreira Vicente[1], João Marcelo A. de Paula Antunes[1], Jane Megid*[1]

[1]UNESP- São Paulo State University - Veterinary Medicine and Animal Production College- Public Health and Veterinary Hygiene Department- Botucatu- Brazil.

* Corresponding author- Current address: FMVZ-DHVSP- Distrito de Rubião Jr, sem numero, Botucatu, Sao Paulo, Brazil. Cep 18.618-970. Tel: +55 14 3880 2103; Fax +55 14 3880 2042. Email address: jane@fmvz.unesp.br

Abstract

Rabies is a lethal infectious disease that causes 55 thousand human deaths per year, with most of them occurring in African and Asian countries. Dogs, bats or other carnivores can transmit the virus, especially through bites and scratches. The host immune response is essential to avoiding viral progression and promoting viral clearance. Cytokines and chemokines are crucial in the development of an immediate antiviral activity and for the attraction of NK cells, monocytes, B and T lymphocytes; in order to succeed the infection rabies virus has to evade this immune response. The virus' capacity for evasion is correlated with rabies virus pathogenicity, with the most highly pathogenic strains being the most efficient in hijacking the host's defense mechanisms. The purpose of this study was to evaluate the gene expression of a set of cytokine and chemokine genes related to the immune response in the brains of mice inoculated i.m or i.c with two wild strains of rabies virus, one from dog (V2) and another from vampire bat (V3). The results demonstrated that the gene expression profile is intrinsic to the

specific RABV variant. More efficient virus evasion, related to IFNβ inhibition, was observed in the group infected with a high lethal dose. The precocious production of cytokines and chemokines seems to be more important than their levels of expression for rabies survival.

Key words: rabies, immune response, gene expression, dog virus, bat virus, wild strain

1. Introduction

Rabies is a zoonotic, highly lethal and neglected disease that has been affecting humanity for more than 4.000 years (Knobel et al., 2005). It is estimated that around 55.000 persons die from rabies each year, killing more than dengue, yellow fever and Japanese encephalitis. Even so, it ranks low on the World Health Organization's priority list (Hemachudha et al., 2002). Data obtained from global mortality reports estimate that one individual dies from rabies each 10 minutes and another 300 are exposed to the virus (Fooks et al., 2009). Domestic dogs are mainly responsible for rabies transmission, specially in Asian and African countries but other wild mammals such as bats, non-human primates, foxes and wild dogs can be responsible for human cases and some studies have shown that those species are reservoirs for unique variants of rabies virus (RABV) (Ito et al., 2001; Schneidder et al., 2009; Brasil, 2010; Aguiar, 2011).

RABV, a *Lyssavirus* belonging to the *Rhabdoviridae* family, causes acute encephalitis and has the highest case-fatality rate among infectious diseases, being almost invariably lethal in 100% of cases (Fooks et al., 2014). It is transmitted in most cases by the saliva of an infected animal through bites, scratches or contact with mucous membranes. It invades the central nervous system (CNS), binding to receptors present at neuromuscular junctions or in the sensory nerves (Wang et al., 2005). It reaches the spinal cord via retrograde axonal transport and then the brain, where intense replication

occurs followed by centrifugal dissemination, allowing the virus to be released through salivary glands.

Viral replication occurs in the cell bodies of neurons. The viral proteins can be detected in dendrites and viral spread occurs through transneuronal transference and relies upon the structural integrity of the neurons. Studies conducted in rat motor neuron cultures show that cells infected with RABV never die, and *in vivo* studies demonstrate that motor neurons are preserved for up to four days after infection (Ugolini, 2010; Klingen et al., 2008; Guigoni and Coulon, 2002). In the later phase of infection, when RABV is already being eliminated in the saliva, host cells die due to dysfunction and neuronal structural damage (Jackson et al. 2010, Scott et al. 2008). Pathological studies have shown that animal and human brains infected with RABV have encephalitis, but with minimal neuronal loss and varying degrees of inflammation (Wang et al., 2005; Jackson et al., 2008; Hemachudha et al., 2013), demonstrating that the virus has mechanisms to evade the host immune response (Lafon, 2011).

The uninfected CNS has intact endothelial tight junctions, low expression of adhesion molecules, which promote interactions with blood stream leukocytes, and microglia maintained in a non-activated state by direct contact of the CD200 receptor (CD200R) with its ligand CD200, which is expressed in healthy neurons. The production of neurotrophins and anti-inflammatory cytokines by astrocytes and meningeal cells helps to maintain the lack of immunological activity in the CNS (Griffin, 2003; Ransohoff and Cardona, 2010). However, as soon as a pathogen gains access to the CNS this dynamic is changed, and an immediate immune response takes place. After RABV is recognized by the Toll Like Receptors (TLRs) and RIG- I- Like Receptors (RLRs) that are present in neurons (Prehaud et al., 2005), interferon beta (IFNβ), the first cytokine to be produced at high levels, is a major antiviral protein and is also responsible for

initiating a cascade of transcription of several genes such as interferon regulatory factor 3 (IRF3) and IRF7 which activate interferon stimulated genes (ISG) (Taniguchi and Takaoka, 2002; Masatani et al., 2010) such as OAS1, another antiviral protein that works in a synergic way with IFNβ, each exerting its activity by inhibiting viral transcription, translation, protein synthesis and viral assembly (Chopy et al., 2011). The importance of these immediate cytokines has already been characterized in RABV infection (Nakamichi et al., 2004; Faul et al., 2010). IFNβ also links the innate and acquired immune response (Biron, 2001; Faber et al., 2004; Li et al., 2011). Besides IFNβ, stressed or damaged neurons also synthetize interferon gamma (IFNγ), interleukin 6 (IL6), chemokine (C-C motif) ligand 21 (CCL21) and chemokine (C-X3-C motif) ligand 1 (CX3CL1), the latter of which has receptors on macrophages and glial cells that are soon activated and produce several other cytokines and chemokines such as IL1, IL6, IL12, TNFα, CCL4, CCL5, CCL7 and chemokine (C-X-C motif) ligand 10 (CXCL10). These factors lead to upregulated expression of MHC by microglia and also increase the expression of adhesion molecules that promote interactions with circulating leukocytes and also promote the opening of the blood-brain-barrier, especially CXCL10 (Wang and Shuaib, 2002; Griffin, 2003). A study conducted by Mansfield et al. (2008) in mice infected with European Bat Lyssavirus type 2 demonstrated that animals with high expression of CXCL10, IL6 and IFNγ had a massive invasion of T cells in the CNS with a consequent robust immune response. The duration of gene expression related to the immune response varies according to the viral sample and may even be harmful beyond a certain point because it increases the release of reactive oxygen species that promote tissue destruction (Fu et al., 1993; Niu et al. 2011). A study by Zhao et al. (2009) with attenuated RABV genetically modified to express CCL3, CCL5 and CXCL10, important chemokines in monocyte, neutrophil and lymphocyte activity,

demonstrated that continuous expression of CCL5 and CXCL10 caused worse neurological signs when compared to CCL3, a group that animals had a mild clinical presentation.

The infiltration of inflammatory cells into the CNS includes all components of the cellular immune response such as NK, antigen specific CD 4^+ and $CD8^+$ T cells, B cells and macrophage (Griffin, 2003). This infiltration also occurs during RABV infection, but after a few days it disappears in case of highly pathogenic strains (Lafon, 2011). The most important cytokines produced during this phase are IFNγ, IL4 and IL10, and also specific Ab are produced by B cells (Griffin, 2003). CNS infections are controlled, in most cases, by infiltrating T cells, such as in of West Nile infection, especially by $CD8^+$ activity (Zhang et al., 2008). However, in RABV infections, specifically due to highly pathogenic strains, although T cells are activated normally in the periphery (Roy and Hooper, 2007) they do not determine the outcome as shown in a study conduced in mice lacking T cells (Lafon, 2005). This inefficacy occurs because the virus can induce a great production of calcitonin, somatostatin and vasointestinal peptides in infected cells, limiting the activity of the T cells (Weihe et al., 2008), or can even induce T cell destruction by the increased expression of molecules such as B7 Homolog (B7-H1) and Fas Ligand (FasL or CD95L) in the neurons, which, in contact with their receptors, Fas (CD95) and Programmed Cell Death Protein-1 (PD-1), present on activated T cells, induce apoptosis (Lafon et al. 2008). This demonstrates that a natural mechanism used by the host to control the inflammatory response in the brain can also act in the virus' favor to delay its replication and subvert the immune response (Griffin, 2003; Sarkar and Sen, 2004; Lafon, 2011). Immunohistochemical studies of RABV-infected brains and spinal cord demonstrated that neurons showed a large amount of antigen with intact morphology while migrating T cells showed apoptosis process (Baloul and Lafon, 2003;

Lafon, 2008; Fernandes et al., 2011). In contrast to the highly pathogenic strains, T cells are important in controlling infections caused by attenuated viruses, in which infected neurons are successfully eliminated by apoptosis and T cells remain intact (Hooper et al., 2011; Lafon, 2011; Sugiura et al., 2011), indicating that T cells effective activity is intrinsically associated with the pathogenicity of the RABV. The sequence of the RABV glycoprotein (G) has also been shown to be a determinant in neuron apoptosis (Faber et al., 2002; Prehaud et al., 2010). In particular, the last four amino acids of the called cyto-G portion of the protein, which targets the PDZ domain in the host cell and leads to destabilization of the complex formed by PDZ and its ligands, may cause profound changes in important cellular signaling pathways that can lead to apoptosis (Aarts et al., 2002; Hou et al., 2010)

Differences in the pathogenicity of RABV strains are not only associated with viral replication or the cellular infection rate, but with the level and duration of cytokine expression in addition to the induction of immune cells apoptosis, which therefore guarantees the integrity of the neurons (Zhao et al., 2009). Several studies have shown that attenuated RABV samples lead to high expression of cytokines, an increase in BBB permeability related to the presence of IFNγ, and infiltration of inflammatory cells into the CNS; together all these factors enable the viral clearance (Phares et al., 2006; Phares et al., 2007; Roy et al., 2007; Roy and Hooper, 2007; Spindler and Hsu, 2012), enhancing the chances of survival (Kuang et al., 2009). Human survivors of rabies had in common the fact that neutralizing antibodies (VNA) were detectable in their cerebrospinal fluid (CSF) at an early stage in the disease, something that does not happen in unfavorable outcomes when VNA are only detectable in the very end stage (Jackson, 2014). Viral clearance is essential for recovery in any neurological infection and neutralizing antibodies play an important role in this process, but early penetration

of VNA as well as B cells into the CNS depends on early opening of the BBB (Roy et al., 2007) and, as already considered, is related to the pathogenicity of the RABV strain. This premature enhancement in BBB permeability is not often observed what can be concluded from the amount of deaths and survivals in rabies.

Considering the crucial role of cytokines and chemokines in immune response regulation (Zlotnik and Yoshie, 2000; Borish and Steinke, 2003) the aim of this present study was to evaluate the expression of selected cytokines and chemokines in CNS of mice experimentally infected with two different wild-type strains, one from dog (V2) and one from a vampire bat (V3).

2. Materials and Methods

2.1 Animals and Virus

Female C57/BL6 mice, 4 to 6 weeks old, were provided by Cemib (UNICAMP animal facility) and used for experimental rabies inoculation. The animals were kept in special containers and received sterile water and irradiated food "*ad libitum*".

Dog rabies virus and hematophagous bat rabies virus, both wild strains, were isolated from human cases and characterized as variant 2 and variant 3, respectively.

2.2 Experimental design

Experiment 1: mice were separated in two main groups and inoculated intramuscularly (i.m) in the right hind limb with 100 microliters (µl) of 80 LD_{50} (80V2) of variant 2 inoculum or 40 LD_{50} (40V3) of variant 3 inoculum. For each LD_{50}, the animals were separated in 3 groups with 8 animals each; one group was maintained for clinical evaluation during a 30 day period and the two others were euthanized at 5 and 10 days post-inoculation (d.p.i) for brain collection.

Experiment 2: mice were inoculated intramuscularly (i.m), in the right hind limb with 100µl of 40 LD_{50} (40V2) of variant 2 inoculum. The animals were then separated in 3 groups with 6 animals each; one group was maintained for clinical evaluation during a 30 day period and the two others were euthanized at 5 and 10 d.p.i for brain collection.

Experiment 3: In order to evaluate the immune response in the final stage of the disease, two groups of 8 animals were inoculated via intracerebral route (i.c) with 30 µl of variant 2 (V2) or variant 3 (V3) inoculum with the same viral titer ($10^{-6.66}$ DL_{50}/0.03 mL). The animals were observed during a maximum period of 30 days and brains were collected immediately after death.

For each group a control was established in which animals were inoculated only with the viral diluent by the same route as the infected ones, whether i.m or i.c.

Animals in all the groups were weighted and evaluated daily for the onset of clinical signs such as ruffled fur, hunching back, hypo/hyper excitability, paralysis of one or both hind limb or tetraplegia (Chopy et al., 2011).

The animal study was approved by the São Paulo State University Ethics Committee (registration number 238/2008), which follows the guidelines established by COBEA-The Brazilian Society of Laboratory Animal Science.

2.3 RNA extraction and RT- qPCR

Brain tissues RNAs were extracted with the Invitek® kit and stored at -80ºC. The reaction for cDNA synthesis consisted of 1 µg of extracted RNA, 1 µl of Oligo-DT primer (Invitrogen®) and 1 µl of SuperScript II (Invitrogen®) according to manufacturer's instructions. The RT-qPCR reaction was performed with 2 µl of 1/50 diluted cDNA, 1 µl of 0.1 µg of each primers and Master Mix Syber Green (Promega®) in a final volume of 25 µl according manufacturer's instruction. Primers for the 18S

murine genes were supplied by IDT® and used as keep-housing gene and primers for the RABV N protein gene were manufactured as described previously (Soares et al., 2002). Mouse Quantitect ® Primer Assay from Qiagen® were used to evaluate the expression of *CCL2, OAS1, IL2, IL6, IL12, TNFα, IFN γ, IFNβ, CXCL10, CD200R e IGF1 genes.*

All thermal cycling and detection was performed using an Applied Biosystems StepOne Fast® (ABI7500 Fast) thermal cycler employing a thermal profile of 40 cycles of 50°C for 20 s, 95°C for 10 min., 95°C for 15 s and 60°C for 1min.

2.4 Data Analyze

Graph-Prism® 5.0 and Instat® software were used as analysis tools. The Kruskal-Wallis test with $p<0.05$ was selected for global evaluations of cytokine and chemokine gene expression, and Two-tail Mann-Whitney test to compare the expression of a single cytokine/chemokine at 5 and 10 days post-inoculation. Values of p between 0.05 and 0.1 were considered as significance tendence.

3. Results and discussion

3.1 Intramuscular inoculation (Experiments 1 and 2)

The incubation period was 9 days, shown to be dose and variant-independent. A study published by Charlton et al. (1987) demonstrated that skunks inoculated intramuscularly with several dilutions of street rabies virus only presented differences in the incubation period after the second 10-fold dilution, as in the present study, in which the same incubation period was observed even for the group inoculated with 40 LD_{50} of V2. The evolution period was 8, 8 and 13 days and mortality rate was 100%, 60% and 66%, respectively, for 80V2, 40V3 and 40V2 with no statistical differences for the evolution

period. This demonstrates that after the entry of virus particles in the CNS, there is no difference between dog and bat variants regarding the time required for disease progression. A recent study about the major characteristics of human rabies cases due to bat and dog variants showed that after the onset of clinical signs there was no difference in the survival time between the two variants (Udow et al., 2013). Our survival analysis showed a difference between 40V3 versus 40V2 ($p=0.003$) and 40V2 versus 80V2 ($p=0.01$) (Fig. 1).

When *N gene* expression was assessed no difference was found between 5 and 10 d.p.i, among the groups. As expected and according to the progression of the infection, *N gene* expression was higher at 10 days compared to 5 days, but the only group that presented a significant difference between 5 and 10 days was the one inoculated with 80V2 ($p<0.05$) (Fig. 2). In contrast, in a study published by Chopy et al. (2011)**,** in mice inoculated by the intramuscular route with a lethal dose of CVS and sacrificed in different stages of clinical disease, when *N gene* transcripts of RABV were evaluated in those animals, no difference was observed in the total amount of virus between the different phases of the disease. This discrepancy can be justified by differences in the rabies virus strains used in each study, a laboratory adapted strain and a wild type strain. These data suggest that differences in *N gene* levels could be associated with the mortality rate observed in 80V2 in the present study, since a statistical difference in mortality was observed associated with higher *N gene* expression at 5 d.p.i compared to 10 d.p.i.

At 80V2 the expression of IFNβ at 5 d.p.i was higher compared to all other immune markers analyzed ($p< 0.001$). Its expression was decreased at 10 d.p.i, at which point IL12 ($p< 0.01$), among others, had high expression. Comparing each cytokine and chemokine individually at 5 versus 10 d.p.i, CD200R ($p= 0.001$), IL12 ($p=0.01$) and

IFNβ (p= 0.06) all had differences in their expression (Fig. 3A). As described before, IFNβ is one of the first cytokines to appear during rabies infection, as expected in infection process (Griffin, 2003; Steel et al., 2014), and counteracting such a response is one of the main mechanisms of viral evasion. The high expression of IFNβ at 5 d.p.i followed by a decrease at 10 d.p.i shows that the RABV strain was able to efficiently disturb the innate immune response, as described in other studies with highly virulent rabies viruses (Chopy et al., 2011). This efficient suppression of this early phase cytokine can be associated with the mortality result observed in this group.

In the 40V2 group, high expression of IL12 ($p<0.05$) at 5 d.p.i was observed, with a further discrete enhancement at 10 d.p.i ($p=0.09$) associated with higher expression of OAS1 ($p=0.01$) and IFNβ ($p=0.01$), although all the immune markers seemed to have an increased expression at this point compared to 5 d.p.i (Fig. 3B).

Animals inoculated with 40V3 had high expression of IFNβ ($p< 0.01$) and CCL2 ($p< 0.001$) at 5 d.p.i. and at 10 d.p.i no difference was observed for any cytokine or chemokine between groups and moments; however, when their expression was compared individually at 5 versus 10 d.p.i, TNFα ($p=0.0005$), IFNβ ($p=0.0002$), IL12 ($p=0.0047$) and CD200R ($p=0.0047$) were statistically increased at 10 d.p.i (Fig. 3C).

Comparing the results just for those immune markers with a statistically enhanced expression at 5 and 10 d.p.i in the 40V2 versus 40V3 groups, even though there was a similar mortality rate in both groups, at 5 d.p.i V2 had greater expression of IL12 ($p= 0.007$) while V3 had a more prominent expression of IFNβ ($p= 0.007$). At 10 d.p.i no difference was found. Considering that the animals were inoculated with the same lethal dose of both variants and had similar mortality rates, biologically the profile of cytokines and chemokines seems to show that V2 induces the expression of a larger number and intensity of those analyzed genes, especially at 10 d.p.i, when compared to

V3. A study performed in mice inoculated with same lethal dose, via i.c or i.m route, using a highly pathogenic Silver-Haired Bat rabies virus (SHBRV) or an attenuated CVS strain (B2C) showed that the number of genes up-regulated by the B2C strain was higher in both number and intensity. It is also interesting to note that the OAS1 gene was upregulated 4-fold when compared to IFNβ in the same group, 2-fold higher when compared to OAS1 expression and more than 6-fold higher when compared to IFNβ expression in the SHBRV group (Wang et al., 2005). Although both rabies virus strains used in the present study were classified as highly pathogenic, since they were isolated from human rabies patients, the gene expression of V2 and V3, even with same viral titer and same mortality rate, was biologically distinct, especially at 10 d.p.i related to the induced and upregulated gene expression of V2 compared to V3. These data in the present study show that the mortality rate does not appear to be associated with gene expression.

Comparing the same variant (V2) with different lethal doses, 80LD versus 40LD, and different mortality rates between those 2 groups ($p=0.01$), at 5 d.p.i 40LD had a higher expression of IL12 ($p< 0.0001$) and 80LD had stronger expression of IFNβ ($p= 0.01$); at 10 d.p.i IFNβ expression was higher in the 40LD group. A study by Chopy et al. (2011) characterizing the ability of the CVS RABV strain to trigger and thwart the type I IFN response in SKNSH cells showed that a higher multiplicity of infection (MOI) resulted in earlier detection of IFNβ, but the amount of input virus did not change the magnitude of the response, explaining, at least partially, why in the present study 80V2 had an earlier expression of IFNβ compared to 40V2. The mean *N gene* expression at 5 d.p.i in the 80LD group was more than 2-fold lower than in the 40LD group, even though it was inoculated with 2-fold more virus. This difference disappeared at 10 d.p.i, suggested by the high level of virus replication in this group at 10 dpi. It can be concluded that the

early high expression of IFNβ in the 80LD group was strong enough to delay virus replication at 5 d.p.i, but once viral evasion mechanisms were activated this inhibition became ineffective (Masatani et al., 2013). This can be noticed at 10 d.p.i, when *N gene* expression was equally high in both groups but IFNβ expression was at a lower level in the 80LD group. The same was noted in the 40LD group, which showed low IFNβ expression at 5 d.p.i and high *N gene* expression at the same period; even after there was an enhancement in IFNβ expression at 10 d.p.i, the level of the *N gene* was not lower than in the 80LD group, confirming data obtained in cultured cells that IFN I response effectiveness vanishes when a large number of cells are already infected (Chopy et al., 2011). It is interesting to notice that although OAS1 is induced by the presence of IFNβ and also has an antiviral activity, its high expression in the 40LD group at 5 d.p.i was not sufficient to inhibit viral replication as much as IFNβ. The high expression of IL12 at 40LD suggests that a lower viral dose induces a broader and earlier immune response once this cytokine is released by macrophages, dendritic cells and NK cells activated during an infectious process, which also explains the increased number genes expressing at 10 d.p.i in this group. In contrast, the 80LD group basically presented a marked initial antiviral response with no sign of early activation of other components of the immune response, evidenced by low expression of all analyzed genes at 10 d.p.i. All these results suggest that the inate immune respose can be important in rabies survival (Griffin, 2003; Li et al., 2008; Zhao et al., 2010).

3.2 Intracerebral inoculation (Experiment 3)

The mortality rate of animals inoculated by i.c route was 100% for V2 and V3 but analysis of the survival curves showed difference in disease progression between the two variants ($p=0.01$). The median incubation period was 8 days for V2 and 9 days for

V3 ($p=0.0002$), while the median evolution period for V2 was 4 days and only 1 day for V3 ($p<0.0001$). A study in India analyzing data from human rabies patients showed that the incubation period is not correlated with the rapidity of the clinical course of the disease (Solanki et al. 2009). Evaluation of RABV *N gene* expression also showed differences between the two variants, with the highest expression being observed with V3 ($p=0.01$) (Fig. 4). The short evolution period can be positively associated with the high *N gene* expression in the V3 group.

The immune markers analyzed in both variants showed increased expression of the same cytokines and chemokines, with equal p values. These were IFNγ ($p<0.001$), CXCL10 ($p<0.001$), TNFα ($p<0.05$) and CCL2 ($p<0.001$) (Fig. 5). The major activity of chemokines (CXCL10 and CCL2) is to modulate the trafficking of T cells to the CNS, and they are also important in promoting viral clearance. Studies made with different virus agents such as herpes simplex and West Nile showed that the deletion of the gene responsible for CXCL10 expression led to a poor infiltration of T cells, as well as inefficient viral control associated with more severe disease. However, like a dual-edged sword, an excess of T cells can also be deleterious because it causes greater cytotoxicity and inflammation (Zhao et al. 2009; Niu et al. 2011). Several studies made *in vivo* or in *in vitro* models demonstrated that CXCL10 is present and upregulated after RABV infection (Wang et al., 2005; Mansfield et al., 2008; Zhao et al., 2013). This chemokine has been shown to play an important role in BBB permeability, which seems to be essential in the clearance of RABV from the CNS since it allows the entry of immune effector cells (Kuang et al., 2009). Although studies made by Wang (2005) and Kuang (2009) described enhanced expression of CXCL10 in models infected with attenuated RABV but in not in one infected with wild type RABV, the results of the present study revaled a statistically significant upregulation of CXCL10 and TNFα in

animals infected with wild type strains. In a study made in brains of human rabies patients correlating the presence of TNFα and IL1 (proinflammatory cytokines) with the presence of RABV in immunohistochemistry assay showed that the presence of these cytokines was positively correlated with brain inflammation, but no association was established between viral load and higher levels of TNFα (Solanki et al., 2009).

When these four increased cytokines and chemokines were compared between the V2 and V3 groups, the expression of CCL2 ($p= 0.01$) and CXCL10 ($p=0.01$) was higher in V2 than in V3. The statistically high expression of these chemokines, although correlated with T cell attraction and increase in BBB permeability, can possibly be related to the lower levels of the *N gene* product present in the V2 group but they are not associated with a decreased mortality rate, since it was 100% in both groups. In a study made by Mansfield et al. (2008), high expression of CXCL10, IFNγ and IL6 in mice in a clinical phase of encephalitis due to European Bat Lyssavirus type 2 was not related to survival. Altogether, it can be concluded that even with high expression of cytokines and chemokines involved in the inflammatory process as well as mediating the specific immune response, a substantial innate response was still insufficient to control infection and prevent death.

4. Conclusions

In the present work a more efficient virus evasion mechanism was observed in the group infected with a higher lethal dose (80V2). The evasion mechanism was characterized by IFNβ inhibition with consequent downregulation of analyzed cytokines/chemokines associated with high *N gene* expression.

Variants 2 and 3, inoculated with same lethal dose by the intramuscular route, presented the same mortality and clinical features but different gene expression profiles, indicating that the immune response is intrinsic to the RABV variant.

The precocious production of cytokines and chemokines seems to be more important than their levels of expression for rabies survival, as observed in moribund animals that, although expressing high levels of these analyzed cytokines and chemokines related to the host-specific immune response, succumbed to the disease.

5. Acknowledgments

Dr. Maria Luiza Carrieri and Dr. Ivanete Kotait for kindly providing both rabies virus strains.

CNPq (Process 482726/2012-1) and Fapesp (Process 08/11446-1) for financial support.

6. References

Aarts, M., Liu, L., Besshoh, S., Arundine, M., Gurd, J.W., Wang, Y.T., Salter, M.W., Tymianski, M., 2002. Treatment of ischemic brain damage by perturbing NMDA receptor –PSD-95 proteins interactions. Science. 298, 846-850.

Aguiar, T.D.F., Costa, E.C., Rolim, B.N., Romijn, P.C., Morais, N.B., Teixeira, M.F.S. 2011. Risco de transmissão do vírus da raiva oriundo de sagüi (*Callithrix Jacchus*), domiciliado e semi-domiciliado, para o homem na região metropolitana de Fortaleza, estado do Ceará. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, 44, 356-363.

Baloul, L., Lafon, M., 2003. Apoptosis and rabies vírus neuroinvasion. Biochimie. 85, 777-788.

Biron, C.A. 2001. Interferons α and β as immune regulators – a new look. Immunity. 14, 661-664.

Borish, L.C., Steinke, J.W., 2003. Cytokines and chemokines. J. Allergy Clin. Immunol., 111, s460- s475.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria da Vigilância Sanitária. 2010. Address: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1567>

Charlton, K.M., Casey, G.A., Webster, W.A., Bundza, A., 1987. Experimental rabies in skunks and foxes: Pathogenesis of the spongiform lesions. Lab Invest. 57, 634-645.

Chopy, D.; Detje, C.N.; Lafage, M.; Kalinke, U.; Lafon, M., 2011. The type I interferon response bridles rabies virus infection and reduces pathogenicity. Journal of Neurovirology. 17, 353-367.

Faber, M., Pulmanausahakul, R., Hodawadekar, S.S., Spitsin, S., Mcgettigan, J.P., Schnell, M.J., Dietzschold, B., 2002. Overexpression of the rabies virus glycoprotein results in enhancement of apoptosis and antiviral immune response. J. Virol. 76, 3374-3381.

Faber, M., Pulmanausahakul, R., Nagao, K., Prosniak, M., Rice, A.B., Koprowski, H., Schnell, M.J., Dietzschold, B., 2004. Indentification of viral genomic elements responsible for rabies virus neuroinvasiveness. Plos Pathogens, 101, 16328-16332.

Faul, E.J., Wanjalla, C.N., Suthar, M.S., Gale Jr., M., Wirblich, C., Schnell, J., 2010. Rabies virus infection induce type I interferon production in an IPS-1 dependent manner while dendritic cell activation relies on ifnar signaling. Plos Pathogens, 6, e1001016.

Fernandes, E.R., Andrade Jr, H.F., Lancellotti, C.L.P.,Quaresma, J.A.S., Demanchki, S., Vasconselos, P.F.C., Duarte, M.I.S., 2011. In situ apoptosis of adaptive immune cells and the cellular escape of rabies virus in CNS from patients with human rabies transmitted by *Desmodus rotundus*. Virus Research. 156, 121-126.

Fooks, A.R., Johnson, N., Rupprecht, C.E., 2009. Rabies. In: Barrett, A.D.T.; Stanberry, L.R., Vaccines for biodefense and emerging and neglected diseases. New York: academic press, 609-630.

Fooks, A.R., Banyard, A.C., Horton, D.L., Johnson, N., McElhinney, L.M., Jackson, A.C., 2014. Current status of rabies and prospects for elimination. Lancet. doi: 10.1016/s0140-6736(13)62707-5.

Fu, Z.F., Weihe, E., Zheng, Y.M., Schafer, M.K., Sheng, H., Corisdeo, S., Rauscher, F.J., Koprowski, H., Dietzschold, B., 1993. Differential effects of rabies and Borna disease viruses on immediate-early and late-response gene expression in brain tissues. Journal of Virology, 67, 6674-6681.

Griffin, D., 2003. Immune response to RNA-virus infections of the CNS. Nature Reviews. 3, 493-502.

Guigoni, C., Coulon, P., 2002. Rabies virus is not cytolitic for rat spinal motoneurons in vitro. J. Neurovirol. 8, 306-317.

Hemachudha, T., Laothamatas, J., Rupprecht, C.E., 2002. Human rabies: a disease of a complex neuropathogenesis mechanisms and diagnostic challenges. Lancet. 1, 101-109.

Hemachudha, T., Ugolini, G., Wacharapluesadee, S., Sungkarat, W., Shuangshoti, S., Laothamatas, J., 2013. Human rabies: neuropathogenesis, diagnosis, and management. Lancet Neurol. doi: 10.1016/s1474-4422(13)70038-3.

Hooper, D.C., Roy, A., Barkhouse, D.A., Li, J., Kean, R.B., 2011. Rabies virus clearance from the central nervous system. Advances in Virus Research. 79, 56-66.

Hou, S.W., Zhi, H.I., Pohl, N., Loesch, M., Qi, X.M., Li, R.S., Basir, Z., Chen, G., 2010. PTPH-1 dephosphorylates and cooperates with p38gamma MAPK to increase ras oncogenenesis through PDZ-mediated interaction. Cancer Res. 70, 2901-2910.

Ito, M., Arai, Y.T., Itou, T., Sakei, T., Ito, F.H., Takasaki, T., Kurane, I., 2001. Genetic characterization and the geographic distribution of rabies virus isolates in Brazil: identification of two reservoirs, dogs and vampire bats. Virology. 284, 214-222.

Jackson, A.C., 2014. Recovery from rabies: A call to arms. J. Neurol. Sci. doi: 10.1016/j.jns.2014.02.012.

Jackson, A.C., Kammouni, W., Zherebitskaya, E., Fernyhough, P., 2010. Role of oxidative estress in rabies virus infection of adult mouse dorsal root ganglion neurons. J. Virol. 84, 4697-4705.

Jackson, A.C., Randle, E., Lawrance, G., Rossiter, J.P., 2008. Neuronal apoptosis does not play a important role in human rabies encephalitis. J. Neurovirol. 14, 368-375.

Klingen, Y., Conzelmann, K.K., Finke, S. 2008. Double-labeled rabies virus: live tracking of enveloped virus transport. J. Virol. 82, 237-245.

Knobell, D.L., Cleaveland, S., Coleman, P.G., Fevre, M.I., Meltzer, M.I., Miranda, M.E.G., Shaw, A., Zinsstag, J., Meslin, F-X., 2005. Re-evaluating the burden of rabies in africa and asia. Bulletin World Health Organization. 83, 360-368.

Kuang, Y., Lackay, S.N., Zhao, L., Fu, Z.F. 2009. Role of chemokines in the enhancement of BBB permeability and inflammatory infiltration after rabies virus infection. Virus Research. 144, 18-26.

Lafon, M., 2005. Modulation of the immune response in the nervous system by rabies virus. Curr. Top. Microbiol. Immunol. 289, 239-258

Lafon, M., 2008. Immune evasion, a critical strategy for rabies virus. Developments in Biologicals. 131, 413-419.

Lafon, M., 2011. Evasive strategies in rabies virus infection. Advances in Virus Research. 79, 33-53.

Li, J., McGettigan, J.P., Faber, M., Schnell, M.J., Dietzschold, B. 2008. Infection of monocytes or immature dendritic cells (DCs) with an attenuated rabies virus results in dc maturation and a strong activation of the NFκβ signaling pathway. Vaccine. 26, 419-426.

Li, J., Faber, M., Dietzschold, B., Hooper, D.C., 2011. The role of toll-like receptors in the induction of immune responses during rabies virus infection. Advances in Virus Research, 79, 115-126.

Mansfield, K.L., Johnson, N., Nunez, A., Hicks, D., Jackson, A.C., Fooks, A.R. 2008. Up-regulation of chemokine gene transcripts and T cell infiltration into the central nervous system and dorsal root ganglia are characteristics of experimental *European Bat Lyssavirus* type 2 infection of mice. Journal of Neurovirology. 14, 218-228.

Masatani, T., Ito, N., Shimizu, K., Ito, Y., Nakagawa, K., Sawaki, Y., Koyama, H., Sugiyama, M., 2010. Rabies vírus nucleoprotein functions to evade activation of the rig-i-mediated antiviral response. Journal of Virology. 84, 4002-4012.

Masatani, T., Ito, N., Ito, Y., Nakagawa, K., Abe, M., Yamaoka, S., Okadera, K., Sugiyama, M. 2013. Importance of rabies virus nucleoprotein in viral evasion of interferon response in the brain. Microbiol. Immunol. 57, 511-517.

Nakamichi, K., Inoue, S., Takasaki, T., Morimoto, K., Kurane, I., 2004. Rabies virus stimulates nitric oxide production and CXC chemokine ligand 10 expression in macrophages through activation of extracelular signal regulated kinase 1 and 2. Journal of Virology. 78, 9376-9388.

Niu, X., Wang, H., Fu, Z.F., 2011. Role of chemokines in rabies pathogenesis and protection. Advances in Virus Research. 79, 73-89.

Phares, T.W., Kean, R.B., Mikheeva, T., Hooper, D.C., 2006. Regional differenced in blood–brain barrier permeability changes and inflammation in the apathogenic clearance of virus from the central nervous system. Journal of Immunology. 176, 7666-7675.

Phares, T.W., Fabis, M.J., Brimer, C.M., Kean, R.B., Hooper, D.C., 2007. A peroxynitrite-dependent pathway is responsible for blood-brain barrier permeability changes during a central nervous system inflammatory response: TNF-α is neither necessary nor sufficient. J. Immunol. 178, 7334-7343.

Prehaud, C., Megret, F., Lafage, M., Lafon, M., 2005. Virus infection switches TLR-3-positive human neurons to become strong producers of beta interferon. Journal of Virology. 79, 12893-12904.

Prehaud, C., Wolff, N., Terrien, E., Lafage, M., Megret, F., Babault, N., Cordier, F., Tan, G.S., Maitrepierre, E., Manager, P., Chopy, D., Hoos, S., 2010. Attenuation of rabies virulence: takeover by by the cytoplasmic domain of its envelope protein. Sci. Signal. doi: 10.1126/scisignal.2000510.

Ransohoff, R.M., Cardona, A.E., 2010. The myeloid cells of the central nervous system parenchyma. Nature. 468, 253–262.

Roy, A.; Hooper, D.C., 2007. Lethal Silver-Haired Bat rabies virus infection can be prevented by opening the blood-brain barrier. Journal of Virology. 81, 7993-7998.

Roy, A., Phares, T.W., Koprowski, H., Hooper, D.C., 2007. Failure to open the blood-brain barrier and deliver immune efectors to the cns tissues leads to the lethal outcome of Silver-Haired Bat rabies virus infection. Journal of Virology. 81, 1110-1118.

Sarkar, S.N., Sen, G.C., 2004. Novel functions of proteins encoded by viral stress-inducible genes. Pharmacology & Therapeutics. 103, 245-259.

Schneider, M.C., Romijn, P.C., Uieda, W., Tamayo, H., da Silva, D.F., Belotto, A., da Silva, J.B., Leanes, L.F., 2009. Rabies transmitted by vampire bats to humans: an emerging zoonotic disease in latin america? Revista Panamericana Salud Publica. 25, 260-268.

Scott, C., Rossiter, J.P, Andrew R.D., Jackson, A.C., 2008. Structural abnormalities in neurons are sufficient to explain the clinical disease and fatal outcome of experimental rabies in yellow fluorescent protein-expressing transgenic mice. J. Virol. 82, 513-521.

Soares, R.M., Bernardi, F., Sakamoto, S.M., Heinemann, M.B., Cortez, A., Alves, L.M., Meyer, A.D., Ito, F.H., Richtzenhain, L.J., 2002. A heminested polymerase chain reaction for the detection of Brazilian isolates from vampires bats and herbivores. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. 97, 109-111.

Solanki, A., Radotra, B.D., Vasishta, R.K., 2009. Correlation of cytokine expression with rabies virus distribution in rabies encephalitis. Journal of Neuroimmunology. 217, 85-89.

Spindler, K.R., Hsu, T.H., 2012. Viral disruption of blood-brain barrier. Trends in Microbiology. 20, 282-290.

Steel, C.D., Breving, K., Tavakoli, S., Kim, W.K., Sanford, L.D., Ciavarra, R.P., 2014. Role of peripheral immune response in microglia activation and regulation of brain chemokine and proinflammatory cytokine responses induced during VSV encephalitis. J. Neuroimmunol. 267, 50-60.

Sugiura, N., Uda, A., Inoue, S., Kojima, D., Hamamoto, N., Kaku, Y., Okutani, A., Park, C., Yamada, A., 2011. Gene expression analysis of host immune response in the central neurvous system following lethal CVS -11 infection in mice. Jpn. J. Infect. Dis. 64, 463-472.

Taniguchi, T., Takaoka, A., 2002. The interferon-α/β sytem in antiviral responses: a multimodal machinery of gene regulation by the irf family of transcription factors. Current Opinion in Immunology. 14, 111-116.

Udow, S.J., Marrie, R.A., Jackson, A.C. 2013. Clinical features of dog- and bat-acquired rabies in humans. Clin. Infect. Dis. 57, 689-696.

Ugolini, G., 2010. Advances in viral transneuronal tracing. J. Neurosci. Methods. 194, 2-20.

Wang, C.X., Shuaib, A. 2002. Involvement of inflammatory cytokines in central nervous system injury. Prog. Neurobiol. 67,161-72.

Wang, Z.W., Sarmento, L., Wang, Y., Li, X.Q., Dhingra, V., Tseggai, T., Jiang, B., Fu, Z.F., 2005. Attenuated rabies virus activates, while pathogenic rabies vírus evades, the host innate immune responses in the central nervous system. Journal of Virology. 79, 12554-12565.

Weihe, E., Bette, M., Preuss, M.A., Faber, M., Schafer, M.K., Rehnelt, J., Schnell, M.J., Dietzschold, B., 2008. Role of virus-induced neuropeptides in the brain in the pathogenesis of rabies. Dev Biol (Basel). 131, 73-81.

Zhang, B., Chan, Y.K., Lu, B., Diamond, M.S., Klein, R.S., 2008. CXCR3 mediates region-specific antiviral T cell trafficking within the central nervous system during West Nile encephalitis. J. Immunol. 180, 2641-2649.

Zhao, L., Toriumi, H., Kuang, Y., Chen, H., Fu, Z.F., 2009. The roles of chemokines in rabies virus infection: overexpression may not always be beneficial. Journal of Virology. 83, 11808-11818.

Zhao, L., Toriumi, H., Wang, H., Kuang, Y., Guo, X., Morimoto, K., Fu, Z.F., 2010. Expression of MIP-1alpha (CCL3) by a recombinant rabies virus enhances its immunogenicity by inducing innate immunity and recruiting dendritic cells and B cells. J. Virol. 84, 9642-9648.

Zhao, P., Yang, Y., Feng, H., Zhao, L., Qin, J., Zhang, T., Wang, H., Yang, S., Xia, X. 2013. Global gene expression changes in bv2 microglial cell line during rabies virus infection. Infect. Genet. Evol. 20, 257-269.

Zlotnik, A., Yoshie, O., 2000. Chemokines: a new classification system and their role in immunity. Immunity. 12, 121-127.

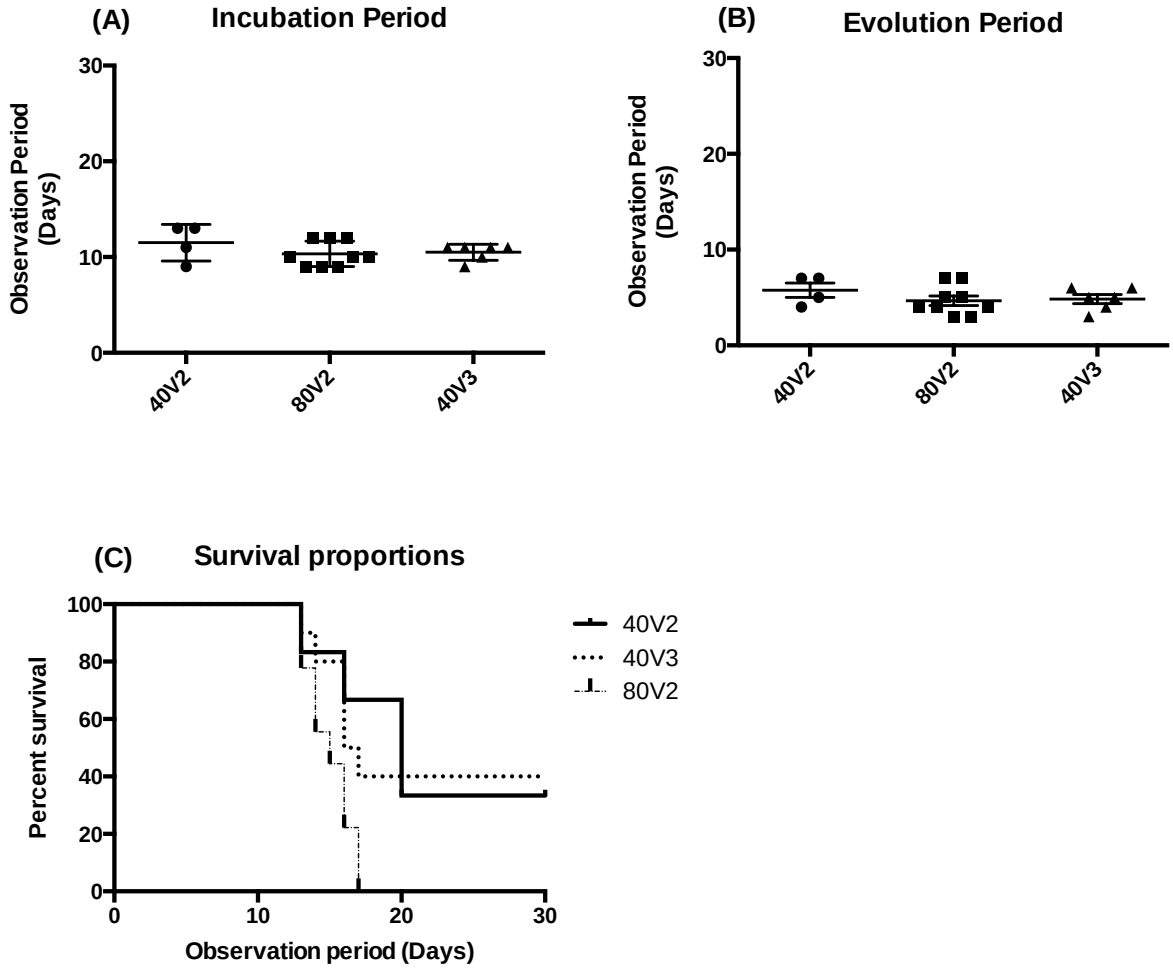


Figure 1. (A) Incubation period of 40V2, 40V3 and 80V2 groups (i.m inoculation); Kruskal-Wallis test was used to calculate differences between the groups. No statistical difference was found. (B) Evolution period of the three groups; Kruskal-Wallis test showed no statistical difference ($p > 0.05$) between the groups. (C) Survival analysis between groups with a 30 day observation period; Mantel-Cox test demonstrated a statistical significance between 40V3 versus 40V2 ($p=0.003$) and between 40V2 versus 80V2 ($p=0.01$).

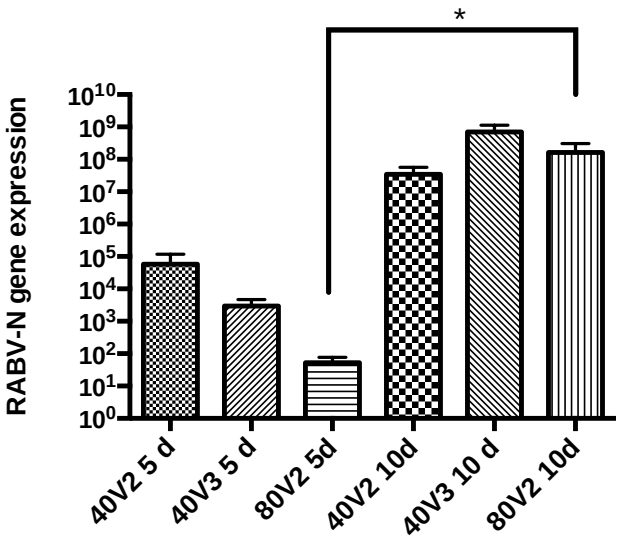


Figure 2. RABV *N gene* expression in the brains of mice infected with 40V2, 40V3 or 80V2. Kruskal-Wallis test was applied to compare the results between different groups at 5 and 10 d.p.i. There was no difference between the groups at the same period, 5 d.p.i or 10 d.p.i. However, 80V2 showed a significant difference (*$p < 0.05$) at 5 versus 10 d.p.i.

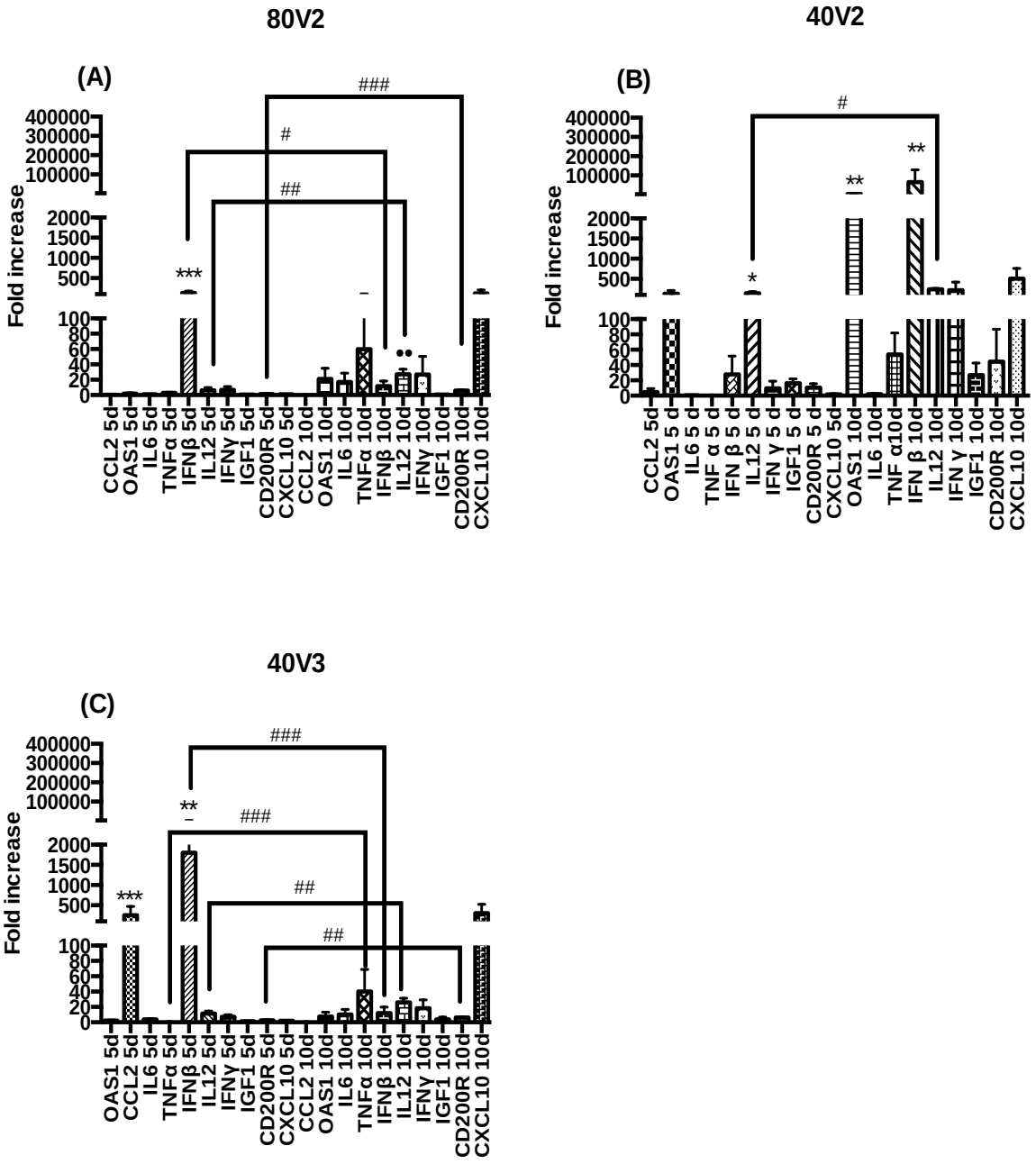


Figure 3. Relative gene expression of cytokines and chemokines in different groups (40V2, 40V3 and 80V2) at 5 and 10 d.p.i. Kruskal-Wallis test was applied to analyze the global results and Mann-Whitney two-tail test was applied to make individual comparisons at 5 versus 10 d.p.i. (A) Expression at 5 d.p.i and 10 d.p.i in the 80V2 group; IFNβ was highly expressed at 5 d.p.i (***$p < 0.001$), at 10 d.p.i IL12 had the higher expression (**$p<0.01$) and comparing 5 d.p.i versus 10 d.p.i CD200R (###$p=0.001$), IL12 (##$p=0.01$) and IFNβ (#$p=0.06$) showed differences in expression.

(B) Expression at 5 d.p.i and 10 d.p.i in the 40V2 group; IL12 (*p<0.05) had the higher expression at 5 d.p.i and OAS1 (**p=0.01), IFNβ (**p=0.01) at 10 d.p.i; comparing 5 d.p.i versus 10 d.p.i IL12 (#p=0.09) showed a slight increase. (C) Expression at 5 d.p.i and 10 d.p.i in the 40V3 group; IFNβ (**p<0.01) and CCL2 (***p<0.001) had higher expression at 5 d.p.i. No difference was observed at 10 d.p.i, although in the comparison between 5 d.p.i versus 10 d.p.i TNFα (###p=0.0005), IFNβ (###p=0.0002), IL12 (##p=0.0047) and CD200R (##p=0.0047) showed a higher expression at 10 d.p.i.

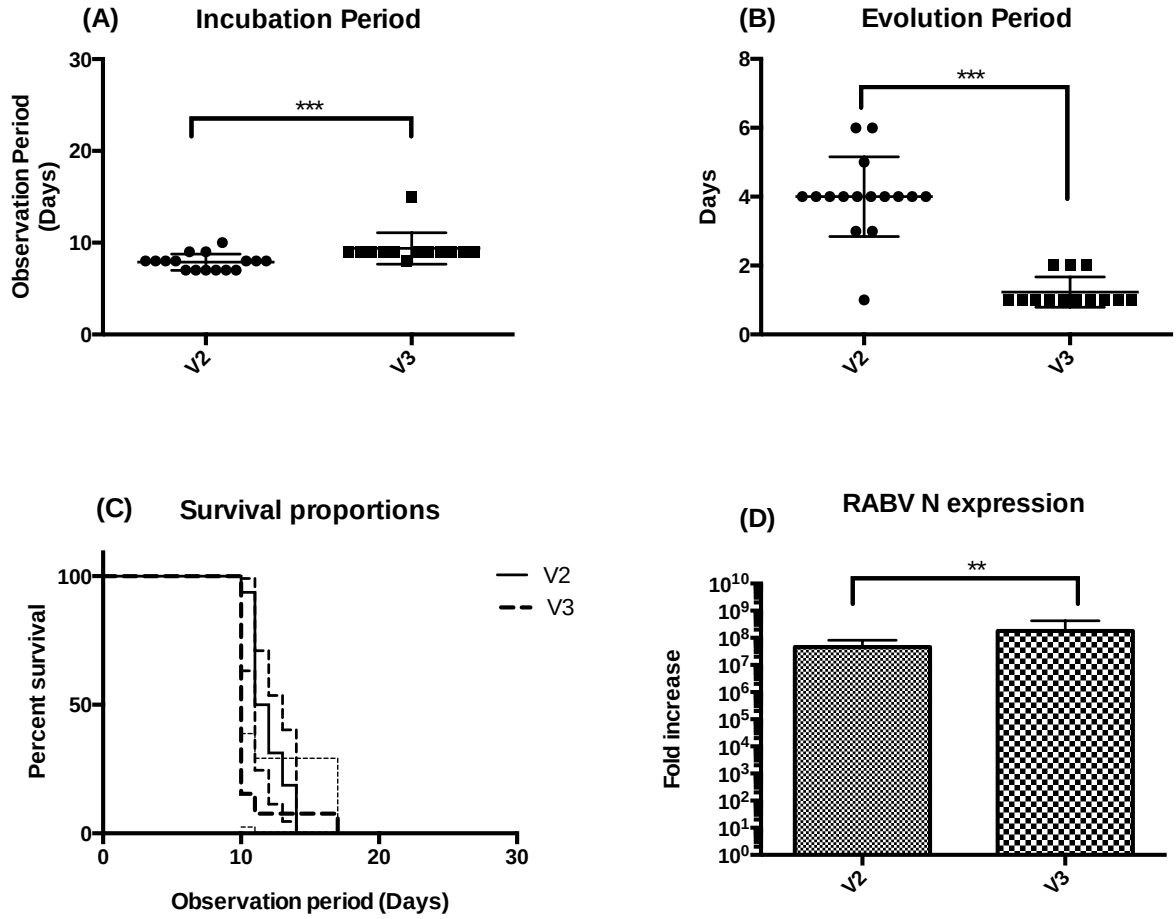


Figure 4. (A) Incubation period of V2 and V3 groups (i.c inoculation); Mann-Whitney two-tail test showed a significant difference between the groups (***p=0.0002). (B) Evolution period of V2 and V3 groups; Mann-Whitney two-tail test also showed a statistical difference (***p < 0.0001) between the groups. (C) Survival analysis curve between V2 and V3 within the 30 day observation period; Mantel-Cox test demonstrated a statistical significance between the two groups (**p<0.01). (D) Relative RABV *N gene* expression between V2 and V3; Mantel-Cox text showed a higher expression in the V3 group (** p=0.01).

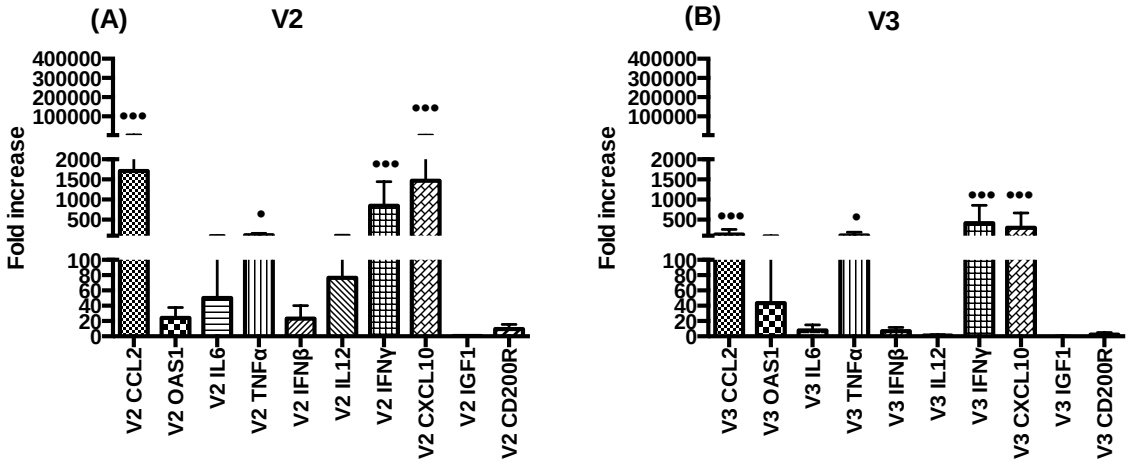


Figure 5. Relative gene expression of cytokines and chemokines in the brains of animals inoculated via i.c with V2 (A) or V3 (B) strains. Both variants showed increases in the following immune markers: IFNγ (***p<0.001), CXCL10 (***p<0.001), TNFα (*p<0.05) and CCL2 (***p<0.001).

CAPÍTULO 3

Artigo encaminhado para:

Journal of Comparative Immunology, Microbiology and Infectious Diseases

Clinical and immune evaluation of mice experimentally infected with rabies virus variants 2 and 3 and treated with short-interfering RNAs (siRNAs)

Appolinario, C.M[1]; Allendorf, S.D[1]; Peres, M.G[1]; Fonseca, C.R[1]; Vicente, A.F[1]; Antunes, J.M.A.P[1]; Pantoja, J.C.F[1]; Megid, J[1]*.

UNESP- São Paulo State University - Veterinary Medicine and Animal Production College- Public Health and Veterinary Hygiene Department- Botucatu- Brazil.

[1] Mail address: FMVZ- DHVSP- Distrito de Rubião Jr, sem numero, Botucatu, Sao Paulo, Brazil. Cep 18.618-970.

Abstract

We have evaluated the efficacy of siRNAs that target the nucleoprotein (N) gene and the brain immune response in infected mice and controls. Mice were inoculated with dog (hv2) or vampire bat (hv3) variants; for each variant a group was treated 24 h post virus infection (p.i.) and another was maintained as a control. Although no difference was observed in the lethality rate between the treated and non-treated groups, clinical evaluation of hv2 showed differences in the severity of clinical disease ($p = 0.0006$). A higher level of *N* gene expression at 10 versus 5 days p.i. was observed in the treated hv2 group ($p < 0.0001$). In the treated hv2 group, at 5 days no difference was found among the analysed genes, whereas at 10 days there was increased expression of 2',5'-oligoadenylate synthetase 1 (*OAS1*), tumor necrosis factor alpha (*TNF-α*), interleukin 12 (*IL12*), interferon gamma (*IFNγ*), and C-X-C motif chemokine 10 (*CXCL10*) relative to that in the hv2 non-treated group. Furthermore, higher *IFN-β* expression was found at 5 days in the hv2 non-treated group, but no difference was found in the hv3 siRNA-treated group. These results provide evidence of the efficacy of siRNA therapy in hv2 infection.

Keywords: rabies, dog virus, bat virus, treatment, siRNA

* Corresponding author: Tel: +55 14 3880 2103; Fax +55 14 3880 2042.

Email address: jane@fmvz.unesp.br

1. Introduction

Rabies is a neglected zoonotic disease reported worldwide, except in Antartica. According to the World Health Organization (WHO), rabies is responsible for 55.000 deaths per year, with the great majority of deaths occurring in African and Asian countries. Most of the populations at risk live in poor rural areas and are mainly represented by children under 15 years of age [1, 2]. Rabies is classically caused by a rabies virus (RABV), a neurotropic, negative RNA single-stranded virus, of the genus *Lyssavirus* and in the family *Rhabdoviridae.* In theory, any rabid mammal can transmit rabies, usually through bites and scratches, but the bites of a rabid dog are responsible for 99.8% of the cases. In locations where dog rabies is controlled due to massive vaccination programs of domestic dogs and wild carnivores, such as in America, bats have become important in rabies transmission [1, 3, 4].

RABV causes acute encephalitis and rabies has a case-fatality rate approaching 100% being considered one of the most existent deadly infectious diseases [3]. The anti-rabies vaccine is very effective in preventing death and is a main pillar of the post-exposure prophylaxis (PEP) protocol, associated with wound cleaning and administration of rabies immunoglobulins. The efficacy of PEP depends on many factors like prompt intervention, adequate application of the immunoglobulin, the prescription of an adequate number of vaccine doses as well as the quality and right

preservation of the immune-biological. PEP seems to be ineffective after the onset of clinical signs, and death is almost a certain event [5, 6]. The survival of a 15-year-old girl from Wisconsin, bitten by a bat that received no vaccination, led physicians worldwide to apply the protocol known as the "Milwaukee Protocol" [7], but after 10 years it was shown to be ineffective. There are at least 26 reported cases in which this protocol was tested without success [5]. Therefore, continuous efforts should be made to find some effective treatment for rabies, including new technologies such as RNA interference.

RNA interference (RNAi) is an endogenous mechanism, first described in the late 90s that leads to post-transcriptional gene silencing. It is well conserved in a broad variety of species, including plants and animals [8, 9]. A short nucleotide sequence (aprox. 21–23 nucleotides length), also known as siRNA, associated with the RNA-induced silencing complex (RISC), recognizes and binds to a complementary mRNA, causing its cleavage into smaller fragments and inactivating its expression and, thus, inhibiting protein synthesis [10]. The RNAi mechanism plays an important role in cellular defense against viral infections in addition to other important cellular functions, including the mobility of genetic elements and regulation of gene expression during animal development [11]. The general potential of this mechanism has stimulated studies of the use of siRNA and microRNA as a therapeutic option for non-infectious [12, 13, 14] and infectious diseases, including dengue [15, 16], respiratory syncytial virus [17], influenza [18], tuberculosis [19], SARS [20], AIDS [13] and herpes simplex type 2 [21].

Despite the antiviral effect of siRNAs, they are potent activators of the mammalian innate immune system. Synthetic siRNA duplexes can induce high levels of inflammatory cytokines and type I interferons, after systemic administration in

mammals and in primary human blood cell cultures [22, 23]. The production of antiviral agents such as type I interferons, including interferon alpha (IFNα) and interferon beta (IFNβ), is an important immune mechanism against rabies virus infection that occurs soon after the cell infection [24, 25].

In 2007, Brandão and colleagues published a study in BHK-21 cells showing the efficacy of a novel therapy against rabies virus based on the use of siRNAs designed against the *N* gene sequence of Pasteur virus (PV). The results demonstrated that cells treated with three different sequences of siRNA had a five-fold drop in the amount of infected cells evaluated by direct immunofluorescence test when compared to controls, with any cytopathogenicity due to the treatment [26].

Studies testing siRNAs *in vitro* and *in vivo* usually have as the targets rabies nucleoprotein (N), glycoprotein (G) and/or polymerase (L) genes; the sequences are delivered by a vector such as adenovirus [27] or are associated with a liposome [28]. siRNAs always inhibit viral replication at some level, however it is difficult to precisely determine their real efficacy and possible application in medical practice. This is because in almost all studies, the siRNAs tested are those designed and checked in experimental infection due to the exact RABV strains (usually a laboratory strain) used as templates to design the siRNA sequences [11, 26, 27, 28].

This study aimed to test the clinical efficacy of three different sequences of siRNA designed against the RABV *N* gene in the treatment of mice infected with two different wild strains of RABV, isolated from rabid human patients infected by a dog or by a vampire bat variant. In addition, considering the difference of pathogenicity between dog and bat variants [29] and the immune stimulation that siRNA administration can induce, the brain immune response of infected and non-infected animals was evaluated.

2. Materials and methods

2.1 Experimental design

Two groups of 60 C57/BL6 mice, 4–6 week-old females, S.P.F, were inoculated in the gastrocnemius muscle with 100 µL of viral inoculum (LD_{50} $10^{-6.66}$/ 30 µL) variant 2 [dog (hv2)] or 3 [vampire bat (hv3)]. Half were treated intraperitoneally at 24-h p.i., with a unique dose of a mix constituted by three siRNA sequences (3.3 µM concentration each) designed against the *N* gene of the PV strain, using lipofectamine as the delivery method [26] (Table 1). Controls received sterile saline for intramuscular inoculation as well as for intraperitoneal treatment. A siRNA control group was included to evaluate possible side effects. For all groups, 10 animals were observed for 30 days and 10 were sacrificed after 5 and 10 days p.i., when whole brains were removed and stored at -80 ^{o}C until further real-time PCR analyses.

Animals of all groups were weighted and evaluated daily for the onset of clinical signs, such as ruffled fur, hunching back, hypo/hyper excitability, paralysis of one or both hind limb or tetraplegia [30].

The animal study was approved by the São Paulo State University Ethical Committee (registration number 238/2008), which follows the guidelines established by the COBEA- Brazilian Society of Laboratory Animals Science

2.2 RNA extraction and Real Time-RT-PCR (RT-qPCR)

Brain tissue RNAs were extracted with the Invitek® kit and stored at -80 °C. The reaction for cDNA synthesis consisted of 1 µg of extracted RNA, 1 µl of Oligo-DT primer (Invitrogen®) and 1 µl of SuperScript II (Invitrogen®) according to the manufacturer's instructions. The RT-qPCR reaction was performed with 2 µl of 1/50 diluted cDNA, 1 µl of 0.1 µg of each primer and Master Mix Syber Green (Promega®)

in a final volume of 25 µl according to the manufacturer's instructions. Primers for the 18S murine genes were supplied by IDT® and used as housingkeeping genes, and primers for the RABV *N* gene were manufactured as described previously [31]. The mouse Quantitect® Primer Assay from Qiagen® was used to evaluate the expression of chemokine C-C motif ligand 2 (CCL2), 2'-5'-oligoadenylate synthetase 1 (OAS1), interleukin 2 (IL2), interleukin 6 (IL6), interleukin 12 (IL12), tumor necrosis factor alpha (TNFα), interferon gamma (IFNγ), interferon beta (IFNβ), C-X-C motif chemokine 10 (CXCL10), cell surface glycoprotein CD200 receptor 1(CD200R) and insulin-like growth factor 1 (IGF-1).

All termal cycling and detection was performed using an Applied Biosystems StepOne Fast (ABI7500 Fast) thermal cycler employing a thermal profile of 40 cycles of 50 °C for 20 s, 95 °C for 10 min., 95 °C for 15 s and 60 °C for 1 min.

2.3 Data Analysis

Cox proportional hazards were used to estimate lethality rate and hazard ratios (HR) between groups. Kruskal-Wallis with $p < 0.05$ as the significance level was chosen for evaluation of the gene expression of cytokines/chemokines and the RABV *N* gene. Graph-Prism® 5.0 and Instat® softwares were employed as analysis tools.

3. Results and discussion

There was a nonsignificant statistical difference in mortality rate in the groups treated with siRNAs for any of the variants in this study. For hv2, the lethality was 100% in non-treated and 70% in treated groups ($p = 0.27$; HR = 0.57); for hv3, it was 60% in non-treated and 80% in treated groups ($p = 0.21$; HR = 1.97). (Fig. 1A).

Clinical evaluation of animals infected with variant 2 and treated with siRNA showed less severity of clinical disease, which included weight loss, paralysis, and

death ($p = 0.0006$) compared to the control. However, no clinical difference was observed for animals infected with hv3 and treated or non-treated with siRNA. (Fig. 1B).

The *N* gene expression of all groups compared at the same period, either at 5 or 10 days p.i., did not show any significant difference. However, *N* gene expression significantly increased in the hv2 treated group at 10 versus 5 days p.i. ($p < 0.0001$). The increase in *N* gene expression is expected, to follow the disease progression [30]. However biologically, hv2 siRNA-treated animals at 5 days had a very low expression compared to other groups at the same period, reflecting some interference of siRNA in virus replication in this study (Fig. 2).

The brain immune response of different groups showed a high expression of IFN-β ($p < 0.001$) at 5 days p.i. for the hv2 non-treated group and IFN-β ($p < 0.01$) and CCL2 ($p < 0.001$) for the hv3 non-treated group, and at 10 days p.i. the hv2 non-treated group showed increased IL12 expression ($p < 0.01$). There was no statistical difference in the immune markers analysed in the treated hv2 group at 5 days, whereas at 10 days OAS1, TNF-α, IL12, IFN-γ, and CXCL10 were increased ($p < 0.05$) (Fig. 3). Infected neurons showed a rapid production and release of IFN-β, which is important for host survival. This induces the expression of several IFN-stimulated genes (ISGs), such as *OAS1*, that exert an antiviral effect similar to IFN-β, but at different stages of viral replication [30]. Damaged neurons also produce IFN-γ, IL1, IL6, IL12, CCL2, CCL4, CCL5, CCL7 and the IFN-inducible protein, CXCL10. All these cytokines and chemokines are responsible for the upregulated expression of MHC molecules on the surface of microglia and also for the increased expression of adhesion molecules by endothelial cells. All the associated factors are important for induction of the adaptive immune response, which involves the activation and migration of T cells, as well as the

production of specific antibodies [32, 33, 34]. Enhanced *N* gene expression at 10 versus 5 days with hv2 indicates that the siRNA interfered with viral replication, which was not associated with a difference among cytokine/chemokine gene expression at 5 days (e.g., IFN-β), suggesting that viral levels were not sufficient to trigger the host immune response. This pattern of response did not occur in the hv2 non-treated group that showed a higher IFN-β expression at 5 days nor at hv3 treated group, which has a similar gene expression profile compared to the non-treated ones.

Considering the differences in the results between variant 2 and 3, the homology of siRNA sequences and the bat and dogs viruses employed in this study were blasted showing homology ranging from 95 to 100% for hv2 and 86 to 95% for hv3. The siRNAs tested were designed based on Paster virus (PV) [26], which is a fixed strain, and the homology results indeed showed a difference between street rabies virus and siRNA sequences, with the homology lower for the bat variant.

Although the *N* gene is considered a conserved site, studies have shown a significant genetic variability in street rabies virus strains, from 5 up to 49% [35, 36]. It is important to remember that almost a perfect complementary sequence between siRNA molecule and the viral RNA target is necessary to induce cleavage of mRNA [37]; this fact may explain the difference found in the results for dog and bat variants observed in this study.

To assess if the treatment with siRNA could be at least partially effective in the symptomatic phase of the disease, a similar study included mice that received a single dose of siRNAs only after the onset of clinical signs. No difference in the mortality rate, clinical evaluation or prolongation in the evolution period was observed in any of the treated groups (data not shown).

The immune response evaluation in non-inoculated animals treated with siRNA showed an up-regulation of all immune markers, in particular that of IFN-γ at 5 days compared to 10 days. This increase disappeared at 10 days, reflecting the reduction in the activity of siRNA, which can last up to 6 days [38] (Fig. 4).

4. Conclusion

Therapy with siRNA did not reduce the lethality rate in two different street rabies virus infections. However, there were less severe clinical signs using siRNA therapy in variant 2 infection. The efficacy of siRNA therapy is closely associated with the homology of the siRNA design and its target. In this study, a higher homology, no doubt, was reached with variant 2 despite variant 3, justifying the results obtained. A reduced expression of immune markers with siRNA therapy in infected, but not in non-infected mice, may occur as a result of the antiviral effect. These data provide evidence of some efficacy of siRNA therapy in rabies virus infection due to a wild-type dog strain. However, it is clear that the potential in applying this technology is limited because in medical practice the type of virus infecting the patient is unknown in almost 100% of the cases. More studies are necessary to overcome this problem and to show this technology could be applied either alone or associated with other therapeutic measures.

5. Acknowledgments

We thank Dr. Maria Luiza Carrieri and Dr. Ivanete Kotait for kindly providing both rabies virus strains. We also thank CNPq (Process 482726/2012-1) and Fapesp (Process 08/11446-1) for financial support.

6. References

[1] World Health Organization oficial website . Accessed in 05/15/2014 http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs099/en/

[2] Wunner WH, Briggs DJ. Rabies in the 21st century. PLos Negl Trop Dis 2010;4(3):e591.

[3] Fooks AR, Banyard AC, Horton DL, Johnson N, McElhinney LM, Jackson AC. Current status of rabies and prospects for elimination. The Lancet 2014; (13)62707-5. doi:10.1016/S0140-6736.

[4] Hendekli CM. Current therapies in rabies. Arch Virol 2005;150:1047-57.

[5] Jackson AC. Current and future approaches to the therapy of human rabies. Antiviral Res 2013;99:61-7.

[6] Rupprecht CE, Willoughby R, Slate D. Current and future trends in the prevention, treatment, and control of rabies. Expert Rev Anti Infect Ther 2006;4:1021–38.

[7] Willoughby RE, Tieves KS, Hoffman GM, Ghanayem NS, Amlie-Lefond CM, Schwabe MJ, et al. Survival after treatment of rabies with induction of coma. N Engl J Med 2005;352:2508-14.

[8] Fire A, Xu S, Montgomery MK, Kostas SA, Driver SE, Mello CC. Potent and specific genetic interference by double-stranded RNA in Caenorhabditis elegans. Nature 1998; 391(6669):744-5.

[9] Napoli C, Lemieux C, Jorgensen R. Introduction of a chimeric chalcone synthase gene into petunia results in reversible co-suppression of homologous genes in trans. Plant Cell 1990;2(4):279-89.

[10] Akhtar S, Benter I. Toxicogenomics of non-viral drug delivery systems for RNAi: potential impact on siRNA-mediated gene silencing activity and specificity. Adv Drug Deli Rev 2007;59(2-3):164-82.

[11] Meshram CD, Singh NK, Sonwane,AA, Pawar SS, Mishra BP, Chaturvedi VK, et al. Evaluation of single and dual siRNAs targeting rabies virus glycoprotein and nucleoprotein genes for inhibition of virus multiplication in vitro. Arch Virol 2013;158:2323-32.

[12] Araújo R, Fernandes M, Cavaco-Paulo A, Gomes A. Biology of human hair: Know your hair to control it. Adv Biochem Eng Biotechnol 2011;125:121-43.

[13] Chen SH, Zhaori G. Potential clinical applications of siRNA technique: benefits and limitations. Eur J Clin Invest 2011;41(2):221-32.

[14] Zheng X, Suzuki M, Ichim TE, Zhang X, Sun H, Zhu F, et al. Treatment of autoimmune arthritis using RNA interference-modulated dendritic cells. J Immunol 2010;184(11):6457-64.

[15] Mukherjee S, Hanley KA. RNA interference modulates replication of dengue virus in Drosophila melanogaster cells. BMC Microbiol 2010;10:127.

[16] Sanchez-Vargas I, Travanty EA, Keene KM, Franz AWE, Beaty BJ, Blair CD, et al. RNA interference, arthropod-borne viruses, and mosquitoes. Virus Res 2004;102:65–74.

[17] Chang Z, Babiuk LA, Hu J. Therapeutic and prophylactic potential of small interfering RNAs against severe acute respiratory syndrome: progress to date. BioDrugs 2007;21(1):9-15.

[18] Scull MA, Rice CM. A big role for small RNAs in influenza virus replication. PNAS 2101;107(25):11153–54.

[19] Jayaswal S, Kamal A, Dua R, Gupta S, Majumdar TG, et al. Identification of Host-Dependent survival factors for intracellular Mycobacterium tuberculosis through a siRNA screen. PLoS Pathog 2010;6(4):e1000839.

[20] Wang Y, Cao YL, Yang F, Zhang Y, Wang SH, Liu L. Small interfering RNA effectively inhibits the expression of SARS coronavirus membrane gene at two novel targeting sites. Molecules 2010;15(10): 7197-207.

[21] Katakowski JA, Palliser D. siRNA-based topical microbicides targeting sexually transmitted infections. Curr Opin Mol Ther 2010;12(2):192-202.

[22] Robbins M, Judge A, Ambegia E, Choi C, Yaworski E, Palmer L, et al. Misinterpreting the Therapeutic Effects of Small Interfering RNA Caused by Immune Stimulation. Hum Gene Ther 2008;19:991–9.

[23] Judge A, Maclachlan I. Overcoming the innate im- mune response to small interfering RNA. Hum Gene Ther 2008;19:111–24.

[24] Faul EJ, Wanjalla CN, Suthar MS, Galé M, Wirblich C, Schnell MJ. Rabies virus infection induces type I interferon production in an IPS-1 dependent manner while dendritic cell activation relies on IFNAR signaling. PLoS Pathog 2010;6:e1001016.

[25] Nakamichi K, Saiki M, Sawada M, Yamamuro Y, Morimoto K, Kurane I. Double-stranded RNA stimulates chemokine expression in microglia through vacuolar pH-dependent activation of intracellular signaling pathways. J Neurichem 2005;95(1):273-83.

[26] Brandão PE, Castilho JG, Fahl W, Carnieli P Jr, Oliveira RN, Macedo CI, et al. Short-interfering RNAs as antivirals against rabies. Braz J Infect Dis 2007;11:224-5.

[27] Gupta PK, Sonwane AA, Singh NK, Meshram CD, Dahiya SS, Pawar SS, et al. Intracerebral delivery of small interfering RNAs (siRNAs) using adenoviral vector protects mice against lethal peripheral rabies challenge. Virus Res 2012;163:11-8.

[28] Yang YJ, Zhao PS, Zhang T, Wang HL, Liang HR, Zhao LL, et al. Small interfering RNAs targeting the rabies virus nucleoprotein gene. Virus Res 2012; 169:169-74.

[29] Lafon M. Bat rabies- the Achilles heel of a viral killer? The Lancet 2005; 366 (9489):876-77.

[30] Chopy D, Detje CN, Lafage M, Kalinke U, Lafon M. The type I interferon response bridles rabies virus infection and reduces pathogenicity. J Neurovirol 2011;17:353-67.

[31] Soares RM, Bernardes F, Sakamoto SM, Heinemann MB, Cortez A, Alves LM, et al. A heminested polymerase chain reaction for the detection of Brazilian rabies isolates from vampire bats and herbivores. Mem Inst Oswaldo Cruz 2002;97:109-11.

[32] Steel CD, Breving K, Tavakoli S, Kim WK, Sanford LD, Ciavarra RP. Role of peripheral immune response in microglia activation and regulation of brain chemokine and proinflammatory cytokine responses induced during VSV encephalitis. J Neuroimmunol 2014;267(1-2):50-60.

[33] Koyama S, Ishii KJ, Coban C, Akira S. Innate immune response to viral infection. Cytokine 2008;43(3):336-41.

[34] Griffin D. Immune response to RNA-virus infections of the CNS. Nat Rev 2003;3:493- 502.

[35] Denduangboripant J, Wacharapluesadee S, Lumlertdacha B, Ruankaew N, Hoonsuwan W, Puanghat A, et al. Transmisson dynamics of rabies virus in Thailand: Implications for disease control. BMC Infect Dis 2005;5:52.

[36] Israsena, N, Supavonwong, P, Ratanasetyuth, N, Khawplod, P, Hemachudha, T. Inhibition of rabies virus replication by multiple artificial microRNAs. Antiviral Res 2009;84:76-83.

[37] Israsena N, Mahavihakanont A, Hemachudha T. Rabies virus infection and microRNAs. Adv Virus Res 2011;79:329-44.

[38] Chiu YL, Rana TM. siRNA function in RNAi: A chemical modification analysis. RNA 2003;9:1034-48.

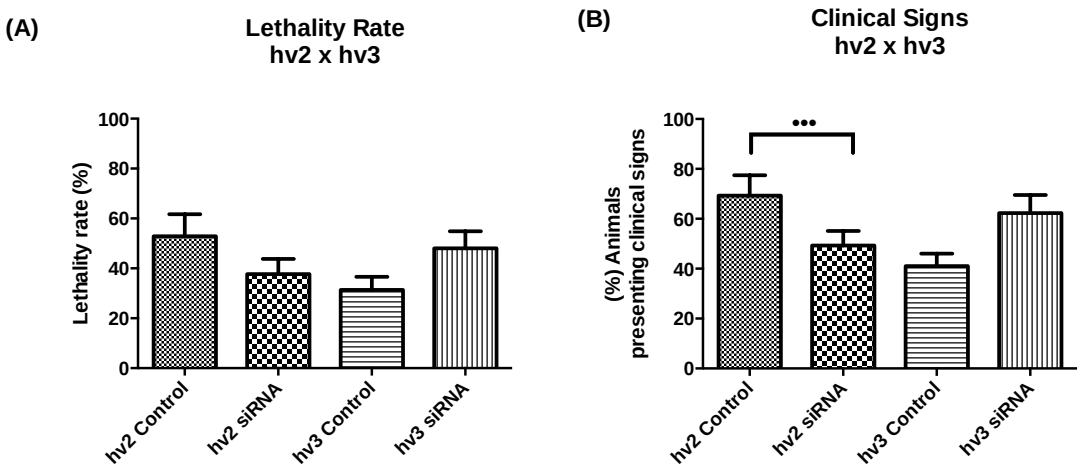


Figure 1. (A) Lethality rate of controls and siRNA-treated groups inoculated with variant 2 (hv2) and variant 3 (hv3); Cox proportional hazards were used to estimate lethality rates and hazard ratios between groups. No statistical difference was found. (B) Percentage of animals in each group showing clinical signs, which included weight loss, ruffled fur, hunched back, hypoexcitability, hyperexcitability, paralysis and tetraplegia; Kruskal-Wallis test showed a statistical difference ($p = 0.0006$) between the hv2 control and siRNA-treated group.

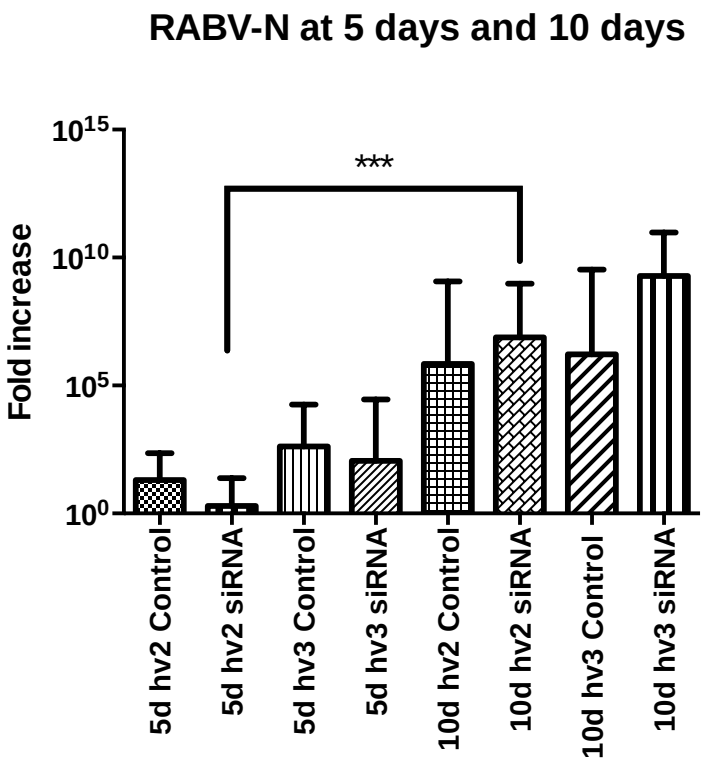


Figure 2. RABV *N* gene expression in the brain of mice infected with hv2 or hv3. Kruskal-Wallis test to compare the results between different groups at 5 and 10 days p.i. There was no difference between the hv2 and hv3 groups at 5 or at 10 days. However, hv2 siRNA-treated groups showed a significant difference ($p < 0.0001$) at 5 versus 10 days.

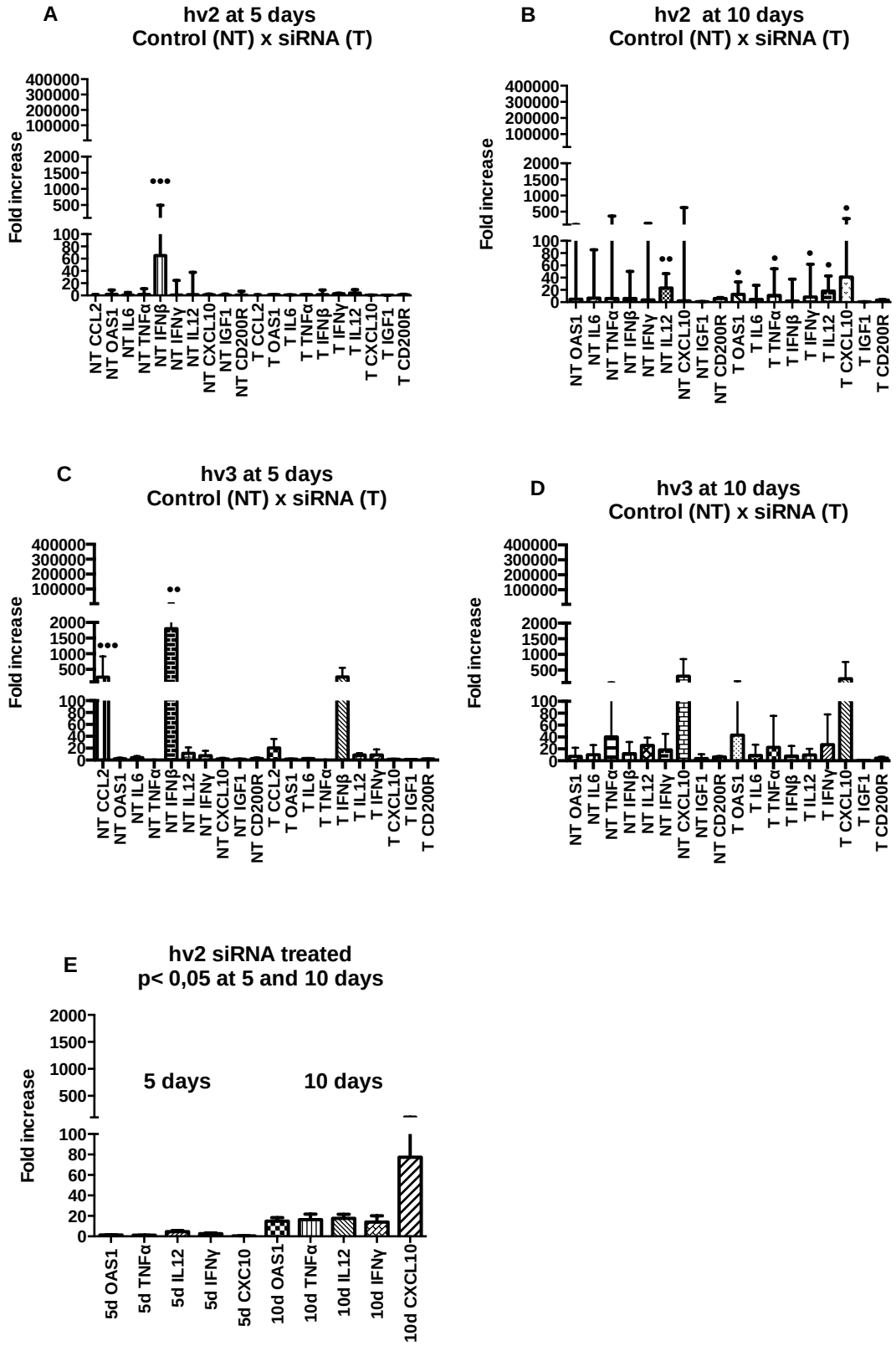


Figure 3. Relative gene expression of cytokines and chemokines in different groups (hv2 and hv3) at 5 and 10 days p.i. The Kruskal-Wallis test was applied to analyse the results. (A) Expression at 5 days p.i. in the hv2 control (NT) and siRNA-treated (T)

groups; IFNβ was highly expressed in the NT group ($^{***}p < 0.001$). (B) Expression at 10 days p.i. in the hv2 control (NT) and siRNA-treated (T) groups; IL12 was highly expressed in the NT group ($^{**}p < 0.01$); in the treated group, *OAS1*, *TNFα*, *IL12*, *IFNγ* and *CXCL10* expression levels were increased ($^{*}p < 0.05$). (C) Expression at 5 days p.i in the hv3 control (NT) and siRNA-treated (T) groups; IFNβ was highly expressed in the NT group ($^{**}p < 0.01$). (D) Expression at 10 days p.i. in the hv3 control (NT) and siRNA-treated (T) groups; no significant difference was found. (E) Only statistically different cytokines and chemokines at 5 versus 10 days p.i. in the hv2 siRNA-treated group, *OAS1*, *TNFα*, *IL12*, *IFNγ* and *CXCL10* were increased at 10 days p.i. ($^{*}p < 0.05$).

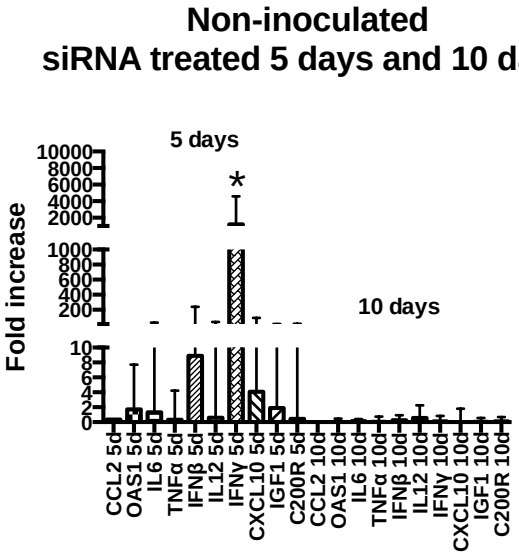


Figure 4. Relative expression of immune markers at 5 and 10 days in mice brains after administration of siRNAs. The treatment led to an increase in the gene expression of *IFNγ* ($^{*}p < 0.05$) at 5 days. The Kruskal-Wallis test was used to compare the results in different groups.

Table 1. Nucleotide sequences of siRNAs designed by Brandão (2007) [26] against PV *N* gene.

siRNA	Douplex Sequence
RNA124	sense 5'GCCUGAGAUUAUCGUGGAG 3' antisense 5'AUCCACGAUAAUCUCAGGC 3'
RNA750	sense 5'GCACAGUUGUCACUGCUUC3' antisense 5'UAAGCAGUGACAACUGUGC 3'
RNA B	sense 5'GACAGCUGUUCCUCACUCG 3' antisense 5'AGAGUGAGGAACAGCUGUC 3'

CAPÍTULO 4

Discussão Geral

Resposta imune nos animais inoculados por via intramuscular com variante 2 e 3

Embora a análise da sobrevivência tenha sido estatisticamente distinta entre os grupos, nenhuma diferença foi observada quanto ao período de incubação e evolução nas diferentes variantes. Um estudo recente de casos humanos, comparando as principais características da enfermidade causada por um virus de cão ou um virus de morcego, constatou que após o inicio da sintomatologia clinica, nenhuma diferença no tempo de sobrevida foi observada comparando as duas variantes (UDOW et al., 2013).

A expressão do gene *N* foi maior aos 10 dias comparativamente aos 5 dias sem diferença estatística quando considerados os vários grupos e periodos avaliados. No entanto, quando comparamos a expressão entre 5 versus 10 dias dentro de cada grupo, aquele inoculado com a maior DL_{50} da variante 2 apresentou um aumento significativo aos 10 dias, o que poderia também estar associado a maior taxa de letalidade apresentada neste grupo. Contrariamente a estes resultados, em um estudo publicado por Chopy et al. (2011), camundongos inoculados por via intramuscular com uma dose letal de CVS foram sacrificados em diferentes estágios clínicos da doença, não sendo observadas diferenças na expressão de *N*. A diferença entre o estudo atual e o publicado, pode ser justificada pela natureza das amostras, fixa ou de rua.

Comparando a variante 2 (V2) e 3 (V3) com mesma DL_{50} e mesmo resultado de letalidade, o perfil de citocinas e quimiocinas sugerem que V2 tem capacidade de induzir a expressão de um maior número de genes, e com maior intensidade de expressão, especialmente aos 10 dias quando comparado a V3. Estudo feito em camundongos inoculados com mesma dose letal, por via intracerebral ou intramuscular, com amostra altamente patogênica (SHBRV) ou com amostra atenuada (B2C) demonstrou que a quantidade de genes supra-

regulados pela B2C eram em maior número e intensidade quando comparados a SHBRV (WANG et al., 2005). Apesar de ambas as amostras virais utilizadas tenham sido classificadas como altamente patogênicas, pois foram isoladas de pacientes humanos com raiva, a expressão gênica de V2 e V3 com mesmo título viral e mesmo percentual de letalidade, foram biologicamente diferentes, especialmente aos 10 dias, quando V2 induziu a uma maior expressão quando comparado a V3, demonstrando que a letalidade não parece estar associada com a expressão gênica no presente estudo.

Comparando-se a variante 2 adminstrada em diferentes DL_{50}, com taxa de letalidade distinta entre os grupos, aos 5 dias, o grupo inoculado com $40DL_{50}$ apresentou expressão mais elevada de IL12, e no grupo inoculado com $80DL_{50}$, maior expressão de IFNβ, sendo que esta ultima, somente apresentou-se elevada no grupo inoculado com 40 DL_{50} aos 10 dias. Estudos feitos por Chopy et al. (2011), avaliando a capacidade da amostra CVS de RABV em desencadear e evadir a resposta de IFN tipo I em células, mostrou que quanto maior a multiplicidade de infecção (MOI), mais precoce a expressão de IFNβ, no entanto a magnitude da resposta não foi determinada pela quantidade de virus. Este resultado explica, ao menos em parte, a razão pela qual no presente estudo, o grupo inoculado com 80 DL_{50} teve uma expressão precoce IFNβ. A expressão do gene *N* aos 5 dias, no grupo inoculado com 80 DL_{50} foi duas vezes menor quando comparado ao grupo inoculado com 50 DL_{50}, no entanto, esta diferença despareceu aos 10 dias, sugerindo que a ação antiviral de IFNβ no grupo inoculado com 80 DL_{50} foi bastante eficiente em conter a replicação viral, no entanto, assim que os mecanismos de evasão viral foram desencadeados, a expressão de IFNβ caiu e os níveis do gene *N* aumentaram aos 10 dias (LAFON, 2008; LAFON, 2011). Mesmo havendo um aumento de IFNβ aos 10 dias no grupo inoculado com 40 DL_{50}, este não foi mais eficaz em conter a replicação viral, uma vez que um determinado número de células já estavam infectadas (MASATANI et al., 2013), sendo isto comprovado pelo fato do gene *N* estar igualmente elevado em ambos os grupos.

Interessante notar que, embora a expressão de OAS1, bastante elevada aos 5 dias no grupo inoculado com 40 DL_{50}, seja induzida pela presença de IFNβ e também exerça uma atividade antiviral (GRIFFIN, 2003), esta citocina não foi suficiente para inibir a replicação de RABV tanto quanto IFNβ, demonstrando que talvez o IFNβ seja mais efetivo, e portanto, a primeira citocina a ser produzida na fase inicial das infecções. A expressão elevada de IL-12 no grupo inoculado com 40 DL_{50}, sugere que uma menor dose viral foi capaz de induzir uma resposta imune mediada por células de uma maneira mais precoce, uma vez que esta citocina é liberada por macrófagos, células dendríticas e células NK ativadas durante o processo de infecção, o que também explicaria a ativação de uma grande quantidade de genes aos 10 dias, assim como a menor letalidade observada neste grupo. Contrariamente, o grupo inoculado com 80 DL_{50}, apresentou uma marcante resposta antiviral aos 5 dias, porém sem sinal de ativação precoce dos outros componentes da resposta imune celular, evidenciada pela baixíssima expressão dos marcadores da resposta aos 10 dias. Estes resultados sugerem a importância da imunidade inata na sobrevivência da raiva (GRIFFIN, 2003; LI et al., 2008; ZHAO et al., 2010).

Resposta imune nos animais inoculados por via intracerebral com a variante 2 e 3

Nos animais avaliados em fase terminal da enfermidade, inoculados com V2 ou V3, embora sem diferença no percentual de letalidade, a analise da curva de sobrevivência demostrou diferença na progressão da doença em ambas; o perido de incubação, mais longo para V3 e o de evolução, mais longo para V2. Um estudo conduzido na Índia que analisou dados de pacientes humanos de raiva, mostrou que o período de incubação não estava correlacionado com a rapidez do curso clínico da doença (SOLANKI et al., 2009). O curto período de evolução em V3 pode ser positivamente associado com a elevada expressão do gene *N* deste grupo.

A avaliação da resposta imune em ambos os grupos demonstrou aumento das mesmas citocinas e quimiocinas, sendo elas IFNγ, CXCL10, TNFα e CCL2. A principal atividade de quimiocinas como CXCL10 e CCL2 é modular o tráfico de células T para o SNC, determinante para a eliminação viral. Estudos realizados com herpes simplex e West Nile virus mostraram que a deleção do gene responsável pela expressão CXCL10 levou a uma fraca infiltração de células T, bem como uma baixa taxa de eliminação viral que foi acompanhada por um quadro clinico grave, no entanto, também existem evidencias de que o excesso de células T possa ser deletério, pois promove maior citotoxicidade e inflamação severa (ZHAO et al., 2009; NIU et al., 2011). Estudos *in vivo* ou *in vitro* demonstraram que a expressão de CXCL10 está presente e supra-regulada após infecção por RABV (WANG et al., 2005; MANSFIELD et al., 2008; ZHAO et al., 2013). Esta quimiocina induz aumento da permeabilidade da BHE, o que parece essencial para o *clearance* de RABV do SNC, pois permite a migração de células efetoras e também de anticorpos (KUANG et al., 2009). Os estudos realizados por Wang et al. (2005) e Kuang et al. (2009) descreveram um aumento na expressão de CXCL10 associado a alta expressão de TNFα em camundongos infectados com amostras atenuadas de RABV, mas esta supra-regulação não foi evidenciada nas infecções por virus de rua, o que difere dos resultados obtidos no presente estudo. Em estudo conduzido por Solanki et al. (2009), em cortes histológicos de cérebros positivos para raiva, uma alta de expressão de TNFα e IL1, que são citocinas pró-inflamatórias, foi observada, no entanto, este aumento não estava correlacionado a quantidade de virus detectada no local.

Comparando os valores da expressão das citocinas e quimiocinas entre V2 e V3, a expressão de CCL2 e CXCL10 foram maiores em V2, comparativamente a V3. A elevada expressão destas quimiocinas está relacionada a atração de células T e ao aumento de permeabilidade da BHE, e neste presente estudo, possivelmente, justifica o menor nível na expressão do gene *N* neste grupo não estando, no entanto, associado a uma diminuição na taxa de letalidade, uma vez que ambas foram de 100%. MANSFIELD et al. (2008) observaram uma elevada expressão de

CXCL10, IL6 e IFNγ em camundongos inoculados com amostra de rua, altamente patogênica, o que no entanto, não garantiu a sobrevivência dos animais. Pode-se concluir, a partir dos resultados deste estudo, que embora uma resposta imune robusta tenha ocorrido nos animais inoculados com ambas as variantes, esta não foi suficiente para controlar a infecção e impedir a morte dos animais, demonstrando que mais além do perfil da resposta, a precocidade com que ela surge pode ser crucial.

Terapia com siRNA

Embora nenhuma diferença estatística tenha sido notada na variante 2 ou 3, quanto ao percentual de letalidade entre os grupos tratados e não-tratados, uma menor severidade clinica, que incluía perda de peso, paralisia e morte, foi observada nos animais tratados e inoculados com V2, o mesmo não sendo observado para o grupo inoculado com V3.

A expressão do gene *N* não variou entre os grupos aos 5 ou 10 dias após a inoculação, no entanto, no grupo tratado e inoculado com V2, *N* aumentou siginificativamente aos 10 versus 5 dias. O aumento da expressão de *N* é um evento esperado ao longo da evolução da doença, mas os animais tratados com siRNA pertencentes ao grupo que havia sido inoculado com V2 tiveram uma expressão muito menor de *N* aos 5 dias em relação aos outros grupos no mesmo período, refletindo alguma interferência do siRNA na replicação viral neste estudo.

A possibilidade de interferência do siRNA na replicação viral também ficou evidenciada na resposta imune, pois enquanto aos 5 dias, o grupo de animais não-tratados apresentou uma alta expressão de IFNβ e CCL2, nenhuma diferença estatística foi observada no grupo de animais tratados e inoculados com V2. Aos 10 dias, V2 não-tratado apresentou apenas aumento na expressão de IL12, enquanto o grupo tratado e inoculado com a mesma variante, apresentou expressão aumentada de OAS1, TNFα, IL12 , IFNγ, e CXCL10, sendo estas citocinas e quimiocinas importantes pois exercem atividade antiviral,

atuam como mediadoras da resposta imune especifica e também levam ao aumento de permeabilidade da BHE (GRIFFIN, 2003; KOYAMA et al., 2008; CHOPY et al., 2011; STEEL et al., 2014) . A baixa expressão aos 5 dias, de citocinas e quimiocinas no grupo tratado inoculado com V2 , seguida de um aumento destas aos 10 dias neste mesmo grupo, associado também a um perfil similar na expressão do gene *N*, sugerem que aos 5 dias, a quantidade de virus presente no tecido não foi suficiente para o desencadeamento da resposta imune, como ocorreu nos demais grupos, no entanto, assim que a atividade de siRNA começou a diminuir, em torno de 6 dias após o tratamento (CHIU e RANA, 2003), RABV voltou a se replicar o que consequentemente induziu uma resposta, como observado aos 10 dias.

Considerando-se os diferentes resultados entre as variantes 2 e 3, a homologia entre as sequencias de siRNA e o gene *N* das variantes de cão e de morcego utilizadas neste estudo foram analisadas, e revelou maior compatibilidade com a variante 2 (95-100%) do que com a variante 3 (86-95%). Os siRNAs testados neste estudo foram desenvolvidos, utilizando como base, a sequencia do gene *N* da cepa Pasteur, que é uma amostra fixa derivada de cão, o que justifica a maior homologia com esta variante, comparativamente a variante de morcego.

Embora o gene *N* seja considerado um dos mais conservados no virus da raiva, estudos revelam uma grande variabilidade genética nas amostras de rua, em torno de 5 a 49% (DENDUANGBORIPANT et al., 2005, ISRASENA et al., 2009). É importante salientar que uma complementariedade perfeita é necessária entre o siRNA e a sequencia-alvo para que a clivagem do RNAm ocorra (ISRASENA et al., 2011), este fato pode explicar os diferentes resultados obtidos neste estudo para as variantes de cão e de morcego.

Conclusões Gerais

No presente trabalho um mecanismo de evasão viral mais eficiente foi observado no grupo infectado com a DL_{50} mais elevada (80V2).

O mecanismo de evasão foi caracterizado pela inibição de IFNβ, com conseqüente diminuição da expressão das citocinas e quimiocinas analisadas, associada a uma alta expressão do gene *N* de RABV.

As variantes 2 e 3 inoculados com mesma DL_{50}, por via intramuscular, apresentaram mesmo percentual de letalidade e aspectos clínicos, mas diferiram quanto ao perfil de expressão gênica, indicando que a estimulação da resposta imune é intrínseca à variante de RABV.

A produção precoce de citocinas e quimiocinas, parece ser mais importante do que os seus níveis de expressão para a sobrevivência na raiva, como observado nos animais agônicos, que embora expressando níveis elevados dos genes relacionados a resposta imune específica, sucumbiram à doença.

A terapia com siRNA não reduziu a taxa de letalidade nos animais inoculados com as diferentes variantes virais, no entanto, os sinais clínicos foram menos severos nos animais inoculados com a variante 2 e tratados com siRNA, quando comparado aos animais do grupo controle.

A eficácia da terapia de siRNA está intimamente associada com a homologia complementar da sequencia de siRNA e sua sequencia - alvo.

Os dados obtidos neste estudo fornecem evidência de interferencia do siRNA na replicação da amostra de rua do vírus da raiva, variante 2, admistrada 24 horas após a inoculação, no entanto, sem qualquer efetividade quando administrada na fase clinica da enfermidade.

Referências Bibliográficas

AKHTAR, S.; BENTER, I. Toxicogenomics of non-viral drug delivery systems for RNAi: potential impact on siRNA-mediated gene silencing activity and specificity*. Adv. Drug Delivery Rev.*, v. 59, n. 2-3, p. 164-182, 2007.

ARAÚJO, R.; FERNANDES M.; CAVACO-PAULO, A.; GOMES, A. Biology of Human Hair: Know Your Hair to Control It. *Adv. Biochem. Eng. Biotechnol.*, v. 12, 2010.

BAER, G. M.; SHADDOCK, J. H.; MOORE, S. A.; YAGER, P. A.; BARON, S. S.; LEVY, H. B. Successful prophylaxis against rabies in mice and rhesus monkeys: the interferon system and vaccine. *J. Infect. Dis.*, v. 136, p. 286-91, 1977.

BALOUL, L.; LAFON, M. Apoptosis and rabies vírus neuroinvasion. *Biochimie*., v. 85, n. 8, p. 777-788, 2003.

BALOUL, L.; CAMELO, S.; LAFON, M. Up-regulation of Fas ligand (FasL) in the central nervous system: a mechanism of immune evasion by rabies virus. *J. Neurovirol.,* v. 10, n. 6, p. 372-382, 2004.

BIRON, C.A. Interferons α and β as immune regulators – a new look. *Immunity***.,** v. 14, p. 661-664, 2001.

BORISH, L.C.; STEINKE, J.W. Cytokines and chemokines. *J. Allergy Clin. Immunol.*, v. 111, n. 2, p. S460- S475, 2003.

BRANDÃO, P. E.; CASTILHO, J. G.; FAHL, W.; CARNIELI JR, P.;NOVAES OLIVEIRA, R DE ; MACEDO, C. I.; CARRIERI, M. L.; KOTAIT, I. Short-interfering RNAs as antivirals against rabies. *Braz. J. Infect. Dis.,* v. 11, n. 2, p. 224-225, 2007.

BUSSEREAU, F. Chimiothérapie de la rage. *Bull. Acad. Vet. France,* v. 59, p. 451-6, 1986a.

BUSSEREAU, F. Efficacy of heteropolyanions against rabies virus infection in mice. *Ann. Inst. Pasteur Virol.*, v. 137, p. 391-400, 1986b.

CHANG, Z.; BABIUK L.A.; HU, J. Therapeutic and prophylactic potential of small interfering RNAs against severe acute respiratory syndrome: progress to date. *BioDrugs*., v. 21, n. 1, p. 9-15, 2007

CHAVALI, S.R.; CAMPBELL, J.B. Immunomodulatory effects of orally-administered saponins and non-specific resistance against rabies infection. *Arch. Allergy Appl. Immunol*., v. 84, p. 129-134, 1987.

CHEN, S.H.; ZHAORI, G. Potential clinical applications of siRNA technique: benefits and limitations. *Eur. J. Clin. Invest.,* v. 41, n. 2, p. 221-232, 2011.

CHIU, Y. L., RANA, T. M., siRNA function in RNAi: A chemical modification analysis. *RNA*., v. 9, p. 1034-1048, 2003.

CHOPY, D.; DETJE, C.N.; LAFAGE, M.; KALINKE, U.; LAFON, M. The type I interferon response bridles rabies virus infection and reduces pathogenicity. *J. Neurovirol.*, v. 17, p. 353-367, 2011.

DENDUANGBORIPANT, J., WACHARAPLUESADEE, S., LUMLERTDACHA, B., RUANKAEW, N., HOONSUWAN, W., PUANGHAT, A., Transmisson dynamics of rabies virus in Thailand: Implications for disease control. *BMC Infect. Dis.,* v. 5, p. 52, 2005.

DURYMANOVA-ONO, E.A. Inibição da replicação do vírus da raiva in vitro e in vivo por meio de interferência por RNA. 2010. Dissertacão (Mestrado) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia Universidade de São Paulo, São Paulo.

FABER, M.; PULMANAUSAHAKUL, R.; NAGAO, K.; PROSNIAK, M.; RICE, A.B.; KOPROWSKI, H.; SCHNELL, M.J.; DIETZSCHOLD, B.; Indentification of viral genomic elements responsible for rabies virus neuroinvasiveness. *PLOs Pathog.*, v. 101, n. 46, p. 16328-16332, 2004.

FAUQUET, E.M.; MAYO, M.A.; MANILOFF, J.; DESSELGERGER, U.; BALL, L.A. *Virus taxonomy:* eight report of the International Committee on Taxonomy of Virus. 8.ed. San Diego: Academic Press, 2005. p. 630-634.

FIRE, A.; XU, S.; MONTGOMERY, M. K.; KOSTAS, S. A.; DRIVER, S. E.; MELLO, C. C. Potent and specific genetic interference by double-stranded RNA in Caenorhabditis elegans. *Nature*, v. 391, n. 6669, p. 744-745, 1998.

FOOKS, A.R.; BANYARD, A.C.; HORTON, D.L.; JOHNSON, N.; MCELHINNEY, L.M.; JACKSON, A.C.; Current status of rabies and prospects for elimination. *Lancet, v.* 13, p. 62707- 5, 2014.

FU, Z.F.; WEIHE, E.; ZHENG, Y.M.; SCHAFER, M.K.; SHENG, H.; CORISDEO, S.; RAUSCHER, F.J.; KOPROWSKI, H.; DIETZSCHOLD, B. Differential effects of rabies and borna disease viruses on immediate-early and late-response gene expression in brain tissues. *J. Virol.*, v. 67, p. 6674-6681, 1993.

GRIFFIN, D. Immune response to RNA-virus infections of the CNS. *Nat. Rev.*, v. 3, p. 493- 502, 2003.

GUIGONI, C.; COULON, P. Rabies virus is not cytolitic for rat spinal motoneurons in vitro. *J. Neurovirol*., v. 8, n. 4, p. 306-317, 2002.

GUPTA, P.K.; SONWANE, A.A.; SINGH, N.K.; MESHRAM, C.D.; DAHIYA, S.S.; PAWAR, S.S. Intracerebral delivery of small interfering

RNAs (siRNAs) using adenoviral vector protects mice against lethal peripheral rabies challenge. *Virus Res*., v. 163, p. 11-18, 2012**.**

HARMON, M.W.; JANIS, B. Therapy of murine rabies after exposure: efficacy of polyriboinosinic-polyribocytidylic acid alone and in combination with three rabies vaccines. *J. Infect. Dis.*, v. 132, p. 241-249, 1975.

HEMACHUDHA, T.; SUNSANEEWITAYAKUL, B.; DESUDCHIT, T.; SUANKRATAY, C.; SITTIPUNT, C.; WACHARAPLUESADEE, S.; KHAWPLOD, P.; WILDE, H.; JACKSON, A. C. Failure of therapeutic coma and ketamine for therapy of human rabies. *J. Neurovirol.,* v. 12, n. 5, p. 407- 409, 2006.

HOOPER, D.C.; ROY, A.; BARKHOUSE, D.A.; LI, J., KEAN, R.B. Rabies virus clearance from the central nervous system. *Advances in Virus Res.,* v. 79, p. 56-66, 2011.

HUNTER, M.; JOHNSON, N.; HEDDERWICK, S. Immunovirological correlates in human rabies treated with therapeutic coma. *J. Med. Virol*. v. 82, p. 1255–65, 2010.

ISRASENA, N.; MAHAVIHAKANONT, A.; HEMACHUDHA, T. Rabies virus infection and microRNAs. *Adv. Virus Res.*, v. 79, p. 329-344, 2011.

ISRASENA, N.; SUPAVONWONG, P.; RATANASETYUTH, N.; KHAWPLOD, P.; HEMACHUDHA, T. Inhibition of rabies virus replication by multiple artificial microRNAs. *Antiviral Res.,* v. 84, p. 76-83, 2009.

JACKSON, A.C. Rabies virus infection: An update. *J. Neurovirol.*, v. 9, p. 253–258, 2003.

JACKSON, A. C.; RANDLE, E.; LAWRANCE, G.; ROSSITER, J.P. Neuronal apoptosis does not play a important role in human rabies encephalitis. *J. Neurovirol*., v. 14, p. 368-375, 2008.

JACKSON, A.C. Therapy of rabies encephalitis. *Biomédica*. v. 29, 2009

JACKSON, A.C. Why does the prognosis remain so poor in human rabies? *Expert Rev. Anti. Ther.*, v. 8, p. 623-625, 2010.

JACKSON, A.C.; KAMMOUNI, W.; ZHEREBITSKAYA, E.; FERNYHOUGH, P. Role of oxidative estress in rabies virus infection of adult mouse dorsal root ganglion neurons*. J. Virol*., v. 84, n. 9, p. 4697-4705, 2010.

JACKSON, A.C. Current and future approaches to the therapy of human rabies. *Antiviral Res*., v. 99, p. 61-67, 2013.

JACKSON, A.C. Recovery from rabies: A call to arms. *J. Neurol. Sci.,* doi: 10.1016/j.jns.2014.02.012, 2014

JACKSON, A.C.; SCOTT, C.A.; OWEN, J.; WELI, S.C.; ROSSITER, J.P. Human rabies therapy: lesson learned from experimental studies in mouse models. *Dev. Biol (Basel),* v. 131, p. 377-385, 2008.

JAYASWAL, S.; KAMAL, A.; DUA, R.; GUPTA, S.; MAJUMDAR, T.; DAS, G.; KUMAR, D. ; RAO, K. V. S. Identification of host-dependent survival factors for intracellular Mycobacterium tuberculosis through an siRNA screen. *PLoS Pathogens* . v. 6, n. 4, p. e1000839, 2010.

JOHNSON, N.; CUNNINGHAM, A.F.; FOOKS, A.R. The immune response to rabies virus infection and vaccination. *Vaccine.,* v. 28, p. 3896-3901, 2010.

KATAKOWSKI, J.A.; PALLISER, D. siRNA-based topical microbicides targeting sexually transmitted infections. *Curr. Opin. Mol. Ther.,* v. 12, n. 2, p. 192-202, 2010.

KLINGEN, Y.; CONZELMANN, K.K.; FINKE, S. Double-labeled rabies virus: live tracking of enveloped virus transport**.** *J. Virol.*, v. 82, n. 1, p. 237-245, 2008.

KOYAMA, S.; ISHII, K.J.; COBAN, C.; AKIRA, S. Innate immune response to viral infection. *Cytokine*. v. 43, n. 3, p. 336-341, 2008.

KUANG, Y.; LACKAY, S.N.; ZHAO, L.; FU, Z.F. Role of chemokines in the enhancement of BBB permeability and inflammatory infiltration after rabies virus infection. *Virus Res.*, v. 144, p. 18-26, 2009.

LAFON, M. Bat rabies - the Achilles heel of a viral killer*?* *Lancet*. v. 366, n. 9489, p. 876- 877, 2005.

LAFON, M. Modulation of the immune response in the nervous system by rabies virus. *Curr. Top. Microbiol. Immunol*., v. 289, p. 239-258, 2005.

LAFON, M. Immune evasion, a critical strategy for rabies virus. *Dev. Biol. (Basel)*, v. 131, p. 413-419, 2008.

LAFON, M. Evasive strategies in rabies virus infection. *Adv. Virus Res.***,** v. 79, p. 33-53, 2011.

LAFON, M.; MÉGRET, F.; MEUTH, S.G.; SIMON, O.; VELANDIA ROMERO, M.L.; LAFAGE, M.; CHEN, L.; ALEXOPOULOU, L.; FLAVELL, R.A.; PREHAUD, C.; WIENDL, H. Detrimental contribution of the immuno-inhibitor B7-H1 to Rabies Virus encephalitis. *J. Immunol*., v. 180, p. 7506 -7515, 2008.

LAOTHAMATAS, J.; WACHARAPLUESADEE, S.; LUMLERTDACHE, B.; AMPAWONG, S.; TEPSUMETHANON, V.; SHUANGSHOTI, S.; PHUMESIN, P.; ASAVAPHATIBOON, S.; WORAPRUEKJARU, L.; AVIHINGSANON, Y.; ISRASENA, N.; LAFON, M. Furious and paralytic rabies of canine origin: Neuroimaging with virological and cytokine studies. *J. Neurovirol.*, v. 14, p. 119–129, 2008.

LI, J.; MCGETTIGAN, J.P.; FABER, M.; SCHNELL, M.J.; DIETZSCHOLD, B. Infection of monocytes or immature dendritic cells (DCs) with an attenuated rabies virus results in dc maturation and a strong activation of the NFκβ signaling pathway. *Vaccine*, v. 26, p. 419-426, 2008.

LI, J.; FABER, M.; DIETZSCHOLD, B.; HOOPER, D.C. The role of Toll-Like Receptors in the induction of immune responses during rabies virus infection. *Adv. Virus Res.*, v. 79, p. 115-126, 2011.

LI, X.Q.; SARMENTO, L.; FU, Z.F. Degeneration of neuronal processes after infection with pathogenic, but not attenuated, rabies viruses. *J. Virol*. v. 79, n. 15, p. 10063, 2005.

MAIER, T.; SCHWARTING, A.; MAUER, D.; ROSS, R.S.; MARTENS, A, KLIEM, V.; WAHL, J.; PANNING, M.; BAUMGARTE, S.; MÜLLER, T.; PFEFFERLE, S.; SCHMIDT, J.; TENNER-RACZ, K.; RACZ, P.; SCHMID, M.; STRÜBER, M.; WOLTERS, B.; GOTTHARDT, D.; BITZ, F.; FRISCH, L.; PFEIFFER, N.; FICKENSCHER, H.; SAUER, P.; RUPPRECHT, C.E.; ROGGENDORF, M.; HAVERICH, A.; GALLE, P.; HOYER, J.; DROSTEN, C . Management and outcomes after multiple corneal and solid organ transplantation from a donor infected with rabies ribavirin. *Clin. Infect. Dis.,* v. 50, p. 1112-1119, 2010

MANSFIELD, K.L.; JOHNSON, N.; NUNEZ, A.; HICKS, D.; JACKSON, A.C.; FOOKS, A.R. Up-regulation of chemokine gene transcripts and T cell infiltration into the central nervous system and dorsal root ganglia

are characteristics of experimental European Bat Lyssavirus type 2 infection of mice. *J. Neurovirol*., v. 14, p. 218-228, 2008.

MASATANI, T.; ITO, N.; ITO, Y.; NAKAGAWA, K.; ABE, M.; YAMAOKA, S.; OKADERA, K.; SUGIYAMA, M. Importance of rabies virus nucleoprotein in viral evasion of interferon response in the brain. *Microbiol. Immunol*., v. 57, p. 511-517, 2013.

MCDERMID, R.C.; SAXINGER, L.; LEE, B. Human rabies encephalitis following bat exposure: failure of therapeutic coma. *Can. Med. Assoc. J.* v. 178, p. 557–561, 2008.

MELCHJORSEN, J.; SORENSEN, L.N.; PALUDAN, S.R. Expression and function of chemokines during viral infections: from molecular mechanisms to in vivo function. *J. Leukocit Biol.*, v. 74, p. 331-343, 2003.

MESHRAM, C.D.; SINGH, N.K.; SONWANE, A.A.; PAWAR, S.S.; MISHRA, B.P.; CHATURVEDI, V.K. Evaluation of single and dual siRNAs targeting rabies virus glycoprotein and nucleoprotein genes for inhibition of virus multiplication in vitro. *Arch. Virol*., v. 158, p. 2323-2332, 2013.

MORIMOTO, K.; HOOPER, D.C.; SPITSIN, S.; KOPROWSKI, H.; DIETZSCHOLD, B. Pathogenicity of different rabies virus variants inversely correlates with apoptosis and rabies virus glycoprotein expression in infected primary neuron cultures. *J. Virol.* v. 73, p. 510–518, 1999.

MUKHERJEE, S.; HANLEY, K.A. RNA interference modulates replication of dengue virus in Drosophila melanogaster cells Swati. *BMC Microbiol.,* v. 10, n. 127, 2010.

MURPHY, F.A. Rabies Pathogenesis. *Arch. Virol.,* v. 54, p. 279-297, 1977.

NAKAMISHI, K.; INOUE, S.; TAKASAKI, T.; MORIMOTO, K.; KURANE, I. Rabies virus stimulates nitric oxide production and CXC Chemokine Ligand 10 Expression In Macrophages through activation of extracelular signal regulated kinase 1 and 2. *J. Virol.*, v. 78, n. 17, p. 9376-9388, 2004.

NAPOLI, C.; LEMIEUX, C.; JORGENSEN, R. Introduction of a chimeric chalcone synthase gene into petunia results in reversible co-suppression of homologous genes in trans. *Plant Cell*, v. 2, n. 4, p. 279-289, 1990.

NIU, X.; WANG, H.; FU, Z.F. Role of chemokines in rabies pathogenesis and protection. *Adv. Virus Res.,* v. 79, p. 73-89, 2011.

PEPIN, M.; BLANCOU, J. Ammonium-5-Tungsto-2-Antimoniate (HPA23) can prevent fox rabies. *Arch. Virol.*, v. 83, p. 327-329, 1985.

PHARES, T.W.; FABIS, M.J.; BRIMER, C.M.; KEAN, R.B.; HOOPER, D.C. A peroxynitrite-dependent pathway is responsible for blood-brain barrier permeability changes during a central nervous system inflammatory response: TNF-α is neither necessary nor sufficient. *J. Immunol*. v. 178, n.11, p. 7334-7343, 2007.

PHARES, T.W.; KEAN, R.B.; MIKHEEVA, T.; HOOPER, D.C. Regional differenced in blood-brain barrier permeability changes and inflammation in the apathogenic clearance of virus from the central nervous system. *J. Immunol.***,** v. 176, n. 12, p. 7666-7675, 2006.

PHEHAUD, C.; MEGRET, F.; LAFAGE, M.; LAFON, M. Virus infection switches TLR-3 positive human neurons into high producers of interferon-beta. *J. Virol.*, v. 79, p. 12893-12904, 2005

ROY, A.; HOOPER, D.C. Lethal silver-haired bat rabies virus infection can be prevented by opening the blood-brain barrier. *J. Virol.*, v. 81, p. 7993-7998, 2007.

ROY, A.; PHARES, T.W.; KOPROWSKI, H.; HOOPER, D.C. Failure to open the blood-brain barrier and deliver immune efectors to the CNS tissues leads to the lethal outcome of silver haired bat rabies virus infection. *J. Virol.*, p. 81, n. 3, p. 1110-1118, 2007.

RUPPRECHT, C.E.; HANLON, C.A.; HEMACHUDHA, T. Rabies re-examined. *Lancet Infect. Dis*., v. 2, p. 327-343, 2002.

RUPPRECHT, C.E.; WILLOUGHBY, R.; SLATE, D. Current and future trends in the prevention, treatment, and control of rabies. *Expert Rev. Anti. Infect. Ther.,* v. 4, p. 1021–1038, 2006.

SANCHEZ-VARGAS, I.; TRAVANTY, E. A.; KEENE, K. M.; FRANZ, A. W.E.; BEATY, B.J.; BLAIR, C.D.; OLSON, K.E. RNA interference, arthropod-borne viruses, and mosquitoes. *Virus Res.*, v. 102, p. 65–74, 2004.

SARKAR, S.N.; SEN, G.C. Novel functions of proteins encoded by viral stress-inducible genes. *Pharmacol. Ther.,* v. 103, p. 245-259, 2004.

SCOTT, C.; ROSSITER, J.P.; ANDREW R.D.; JACKSON, A.C. Structural abnormalities in neurons are sufficient to explain the clinical disease and fatal outcome of experimental rabies in yellow fluorescent protein-expressing transgenic mice. *J. Virol.,* v. 82, n. 1, p. 513-521, 2008.

SCULL, M.A.; RICE, C.M. A big role for small RNAs in influenza virus replication. *PNAS*, v. 107, n. 25, p. 11153–11154, 2010.

SODJA, I. Experimental chemotherapy of rabies: Preliminary results. *Acta Virol.*, v. 30, p. 63-68, 1986.

SODJA, I.; HOLY, A. Effect of 9-(S)-(2, 3-Dihydroxypropyl) adenine on experimental rabies infection in laboratory mice. *Acta Virol.*, v. 24, p. 317-24, 1980.

SOLANKI, A.; RADOTRA, B.D.; VASISHTA, R.K. Correlation of cytokine expression with rabies virus distribution in rabies encephalitis. *J. Neuroimmunol*., v. 217, p. 85-89, 2009.

STEEL, C.D.; BREVING, K.; TAVAKOLI, S.; KIM, W.K.; SANFORD, L.D.; CIAVARRA, R.P. Role of peripheral immune response in microglia activation and regulation of brain chemokine and proinflammatory cytokine responses induced during VSV encephalitis. *J. Neuroimmunol*., v. 267, p. 50-60, 2014.

SUGIURA, N.; UDA, A.; INOUE, S.; KOJIMA, D.; HAMAMOTO, N.; KAKU, Y.; OKUTANI, A.; PARK, C.; YAMADA, A. Gene expression analysis of host immune response in the central neurvous system following lethal CVS-11 infection in mice. *Jpn. J. Infect. Dis*., v. 64, p. 463-472, 2011.

TANIGUCHI, T.; TAKAOKA, A. The interferon-α/β sytem in antiviral responses: a multimodal machinery of gene regulation by the IRF family of transcription factors. *Cur. Op. Immunol.*, v. 14, p. 111-116, 2002.

UDOW, S.J.; MARRIE, R.A.; JACKSON, A.C. Clinical features of dog- and bat-acquired rabies in humans. *Clin. Infect. Dis.,* v. 57, p. 689-696, 2013.

UGOLINI, G. Advances in viral transneuronal tracing. *J. Neurosci. Methods*, v. 194, n. 1, p. 2-20, 2010.

VORA, N.M.; BASAVARAJU, S.V.; FELDMAN, K.A.; PADDOCK, C.D.; ORCIARI, L.; GITTERMAN, S.; GRIESE, S.; WALLACE, R.M.; SAID, M.; BLAU, D.M.; SELVAGGI, G.; VELASCO-VILLA, A.; RITTER, J.; YAGER, P.; KRESCH, A.; NIEZGODA, M.; BLANTON, J.; STOSOR, V.; FALTA, E.M.; LYON, G.M.; ZEMBOWER, T.; KUZMINA, N.; ROHATGI, P.K.; RECUENCO, S.; ZAKI, S.; DAMON, I.; FRANKA, R.; KUEHNERT, M.J.; TRANSPLANT-ASSOCIATED RABIES VIRUS TRANSMISSION INVESTIGATION TEAM. Raccoon rabies virus variant transmission through solid organ transplantation. J*AMA*., v. 310, n. 4, p. 398-407, 2013.

WANG, Y.; CAO, Y.L.; YANG, F.; ZHANG, Y.; WANG, S.H.; LIU, L. Small interfering RNA effectively inhibits the expression of SARS coronavirus membrane gene at two novel targeting sites. *Molecules*, v. 15, n. 10, p. 7197-7207, 2010.

WANG, Z.W.; SARMENTO, L.; WANG, Y.; LI, X.; DHINGRA, V.; TSEGGAI, T.; JIANG, B.; FU, Z. Attenuated rabies vírus activates, while pathogenic rabies vírus evades the host innate immune responses in the central nervous system. *J. Virol*., v. 79, p. 12554-12565, 2005.

WEIHE, E.; BETTE, M.; PREUSS, M.A.; FABER, M.; SCHAFER, M.K.; REHNELT, J.; SCHNELL, M.J.; DIETZSCHOLD, B. Role of virus-induced neuropeptides in the brain in the pathogenesis of rabies. *Dev. Biol. (Basel).,* v. 131, p. 73-81, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – *Expert Consultation on Rabies:* second report*. Technical Report Series no. 982* – Expert Committee on rabies – 8th report. Geneve: WHO, 2013.

WILLOUGHBY, R.; TIEVES, K.S.; HOFFMAN, G.M.; GHANAYEM, N.S.; AMLIE-LEFOND, C.M.; SCHWABE, M.J. Survival after treatment

of rabies with induction of coma. *N. Engl. J. Med.*, v. 352, p. 2508-2514, 2005.

WUNNER, W.H.; BRIGGS, D.J. Rabies in the 21st Century. *PLoS Negl. Trop. Dis*., v. 4, n. 3, p. e591, 2010.

YANG, Y.J.; ZHAO, P.S.; ZHANG, T.; WANG, H.L.; LIANG, H.R.; ZHAO, L. Small interfering RNAs targeting the rabies virus nucleoprotein gene. *Virus Res*., v. 169, p. 169-174, 2012.

ZHANG, B.; CHAN, Y.K.; LU, B.; DIAMOND, M.S.; KLEIN, R.S. CXCR3 mediates region-specific antiviral T cell trafficking within the central nervous system during West Nile encephalitis. *J. Immunol*., v. 180, n. 4, p. 2641-2649, 2008.

ZHAO, L.; TORIUMI, H.; KUANG, Y.; CHEN, H.; FU, Z.F. The roles of chemokines in rabies virus infection: Overexpression may not always be beneficial. *J. Virol.,* v. 83, n. 22, p. 11808-11818, 2009.

ZHAO, L., TORIUMI, H., WANG, H., KUANG, Y., GUO, X., MORIMOTO, K., FU, Z.F. Expression of MIP-1alpha (CCL3) by a recombinant rabies virus enhances its immunogenicity by inducing innate immunity and recruiting dendritic cells and B cells. *J Virol.* v.84, p.9642-9648, 2010.

ZHAO, P., YANG, Y., FENG, H., ZHAO, L., QIN, J., ZHANG, T., WANG, H., YANG, S., XIA, X. Global gene expression changes in bv2 microglial cell line during rabies virus infection*. Infec.t Genet. Evol.,* v. 20, p. 257-269, 2013.

ZHENG, X.; SUZUKI, M.; ICHIM, T. E.; ZHANG, X.; SUN, H.; ZHU, F.; SHUNNAR, A.; GARCIA, B.; INMAN, R.D.; MIN, W. Treatment of

Autoimmune Arthritis Using RNA Interference-Modulated Dendritic Cells. *J. Immunol.*, v. 184, n. 11, p. 6457-6464, 2010.

ZLOTNIK, A.; YOSHIE, O. Chemokines: a new classification system and their role in immunity. *Immunity*, v. 12, p. 121-127, 2000.

ANEXO I

Comparative Immunology, Microbiology & Infectious Diseases consists of six issues a year and publishes original papers or reviews of the status of current research relative to the different fields of

Immunology,Microbiology and Infectious Diseases of humans and animals.

Immunology: manuscripts are accepted relative to the various branches of this discipline: fundamental Immunology, experimental or comparative Immunology, clinical Immunology, Immunopathology.

Microbiology: manuscripts are accepted relative to the various branches of this discipline: Bacteriology, Virology, Mycology.

Infectious Diseases: manuscripts are accepted relative to the various branches: Etiology, Pathogenesis, Diagnosis, Prophylaxis, Treatment, Epidemiology, Epizootiology of infectious diseases of man and animal including zoonosis.

Circumstances relating to animal experimentation must meet the International Guiding Principles for Biomedical Research Involving Animals as issued by the Council for the International Organizations of Medical Sciences. They are obtainable from: Executive Secretary C.I.O.M.S., c/o WHO, Via Appia, CH-1211 Geneva 27, Switzerland, or at the following URL: http://www.cioms.ch/frame_1985_texts_of_guidelines.htm.

Unnecessary cruelty in animal experimentation is not acceptable to the Editors of Comparative Immunology, Microbiology & Infectious Diseases.

Ethics in publishing

For information on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethics and http://www.elsevier.com/journal-authors/ethics.

Conflict of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://help.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923.

Submission declaration

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/postingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere including electronically in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the copyright-holder.

Authorship

All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts:

Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.

After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Copyright

This journal offers authors a choice in publishing their research: Open Access and Subscription.

For Subscription articles

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors whose articles appear in journals published by Elsevier, to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open Access
• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse
• An Open Access publication fee is payable by authors or their research funder
Subscription
• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our access programs (http://www.elsevier.com/access)
• No Open Access publication fee

All articles published Open Access will be immediately and permanently free for everyone to read and download. Permitted reuse is defined by your choice of one of the following Creative Commons user licenses:
Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike (CC BY-NC-SA): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text and data mine the article, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, do

not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation, and license their new adaptations or creations under identical terms (CC BY-NC-SA).
Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

Elsevier has established agreements with funding bodies, http://www.elsevier.com/fundingbodies. This ensures authors can comply with funding body Open Access requirements, including specific user licenses, such as CC BY. Some authors may also be reimbursed for associated publication fees. If you need to comply with your funding body policy, you can apply for the CC BY license after your manuscript is accepted for publication.

To provide Open Access, this journal has a publication fee which needs to be met by the authors or their research funders for each article published Open Access.
Your publication choice will have no effect on the peer review process or acceptance of submitted articles.

The publication fee for this journal is $3,000, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available

from Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/languageediting/) or visit our customer support site (http://support.elsevier.com) for more information.

Submission

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts source files to a single PDF file of the article, which is used in the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF files at submission for the review process, these source files are needed for further processing after acceptance. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, takes place by e-mail removing the need for a paper trail.

Submit your article
Please submit your article via http://ees.elsevier.com/CIMID.

Use of word processing software

It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier: http://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you

embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision - numbered sections
Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction
State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods
Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Results
Results should be clear and concise.

Discussion
This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• Title. Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.
• Author names and affiliations. Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• Corresponding author. Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. Ensure that phone numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address. Contact details must be kept up to date by the corresponding author.
• Present/permanent address. If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Abstracts should not exceed 150 words.

Immediately after the abstract, provide a maximum of 10 keywords, using British spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Units of measure and abbreviations should conform to standard IUPAC-IUB nomenclature. For example:

Units of measure	Abbreviations
gram(s) g	10-1 deci d
metre m	10-2 centi c
second s	10-3 milli m
Ampere A	10-6 micro
curie Ci	10-9 nano n
equivalent Eq	10-12 pico p
molar M	103 kilo k

Nomenclature of micro-organisms. Bacteria strains used must be indicated in accordance with the rules of the International Committee of Bacterial Nomenclature.

Generic and specific names should both be underlined in the text. The specific name cannot be used without being preceded by the generic name. The first time the generic name appears in the text, it should be written in full, and thereafter, only the initial of the generic name should be written.

Viruses should be indicated in accordance with the rules of the International Committee of Viral Nomenclature.

Nomenclature of gammaglobulin. Gammaglobulin should be indicated in accordance with the recommendations of the World Health Organisation: (Bull Wld Hlth Org, 1969;41:975; Eur J Immun, 1973;3:62).

Math formulae

Present simple formulae in the line of normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article, using superscript Arabic numbers. Many wordprocessors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Table footnotes

Indicate each footnote in a table with a superscript lowercase letter.

Artwork

Electronic artwork

General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations separately.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the printed version.
• Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available on our website:
http://www.elsevier.com/artworkinstructions
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.

Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):

EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.

TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.

TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.

TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;

• Supply files that are too low in resolution;

• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article. Please indicate your preference for color: in print or on the Web only. For further information on the

preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions.
Please note: Because of technical complications which can arise by converting color figures to 'gray scale' (for the printed version should you not opt for color in print) please submit in addition usable black and white versions of all the color illustrations.

Illustration services

Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/illustrationservices) offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image 'polishing' is also available, where our illustrators take your image(s) and improve them to a professional standard. Please visit the website to find out more.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (not on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text. Place footnotes to tables below the table body and indicate them with superscript lowercase letters. Avoid vertical rules. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in tables do not duplicate results described elsewhere in the article.
References

Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference style

Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given.

Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....'

List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.

Examples:

Reference to a journal publication:

[1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59.

Reference to a book:

[2] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000.

Reference to a chapter in an edited book:

[3] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations: http://www.issn.org/services/online-services/access-to-the-ltwa/.

Video data

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 50 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Supplementary data

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.
Ensure that the following items are present:
One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
• Phone numbers
All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
• References are in the correct format for this journal

• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Web)
• Color figures are clearly marked as being intended for color reproduction on the Web (free of charge) and in print, or to be reproduced in color on the Web (free of charge) and in black-and-white in print
• If only color on the Web is required, black-and-white versions of the figures are also supplied for printing purposes
For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal Physics Letters B):
http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059
When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Proofs

One set of page proofs (as PDF files) will be sent by e-mail to the corresponding author (if we do not have an e-mail address then paper proofs will be sent by post) or, a link will be provided in the e-mail so that authors can download the files themselves. Elsevier now provides authors with PDF proofs which can be annotated; for this you will need to download Adobe Reader version 9 (or higher) available free from http://get.adobe.com/reader. Instructions on how to annotate PDF files will accompany the proofs (also given online). The exact system requirements are given at the Adobe site: http://www.adobe.com/products/reader/tech-specs.html.

If you do not wish to use the PDF annotations function, you may list the corrections (including replies to the Query Form) and return them to Elsevier in an e-mail. Please list your corrections quoting line number. If, for any reason, this is not possible, then mark the corrections and any other comments (including replies to the Query Form) on a printout of your proof and return by fax, or scan the pages and e-mail, or by post. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately – please let us have all your corrections within 48 hours. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication: please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility. Note that Elsevier may proceed with the publication of your article if no response is received.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with a PDF file of the article via e-mail (the PDF file is a watermarked version of the published article and includes a cover sheet with the journal cover image and a disclaimer outlining the terms and conditions of use). For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints). Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/booklets).

UNESCO coupons are acceptable in payment of extra paper offprints.

For inquiries relating to the submission of articles (including electronic submission) please visit this journal's homepage. For detailed instructions on the preparation of electronic artwork, please visit http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Contact details for questions arising after acceptance of an article, especially those relating to proofs, will be provided by the publisher. You can track accepted articles at http://www.elsevier.com/trackarticle. You can also check our Author FAQs at http://www.elsevier.com/authorFAQ and/or contact Customer Support via http://support.elsevier.com.

ANEXO II

Veterinary Immunology and Immunopathology

Guide for Authors

Types of contributions

1. Original research papers (Full-length articles and Short Communications).
2. Review articles (Mini-reviews and full-length Review Articles, and Book Reviews
3. Scientific meeting Reports

Original research papers:
These should report the results of original research. The material should not have been previously published elsewhere, except in a preliminary form.
Full-length articles should conform to the traditional format with headings for Introduction, Materials and Methods, Results and Discussion section.

A Short Communication is a concise but complete description of a limited investigation, which will not be included in a later paper. Short Communications should be as completely documented, both by reference to the literature and description of the experimental procedures employed, as a regular paper. They should not occupy more than 6 printed pages with figures, tables and references (about 12 manuscript pages including no more than a total of 4 figures and tables) and should contain an Abstract of not more than 200 words. Headings should be Introduction, Materials and Methods with the Results and Discussion combined. The maximum total text word count in these sections is 3000.

Papers containing sequence data per se are outside of the scope of the journal but those describing sequences including utility, for example the expression and immunological function of a molecule or the generation of useful mAb, will be considered. Sequence data can be submitted to

be included as supplementary information with accession numbers quoted in the text.

Reviews:

Mini-reviews and opinions should cover subjects in specialised areas of veterinary immunology which are either topical, or of emerging importance, or in need of an update. They should not exceed 3000 words and be easy to read. Articles containing provocative opinions and hypotheses not yet firmly supported by experimental evidence should be suitable, provided that any biases expressed are acknowledged by the authors.

Review Articles in a traditional, more comprehensive style are also published in the journal. Authors wishing to submit these, or Mini-reviews/opinions are asked to first submit a title plus abstract for advice on suitability to one of the Review Articles Editors. Authors in the Americas should contact S. Srikumaran at ssrikumaran@vetmed.wsu.edu, and authors from elsewhere should contact Dirk Werling at Dwerling@RVC.AC.UK.

Book Reviews will be included in the journal on a range of relevant books which are not more than 2 years old.

Meeting Reports

These will be considered for publication. The decision to publish rests purely with the Editors-in-Chief. The subject matter should be within the aims and scope of the journal. Reports may be very brief summaries of recognised International Committee recommendations and decisions, or longer reports of relevant scientific meetings. Special issues containing full papers presented at a conference/workshop will also be considered.

Submission of manuscripts

Submission to Veterinary Immunology and Immunopathology now proceeds online via Elsevier Editorial System - http://ees.elsevier.com/vetimm. Authors will be guided step-by-step through uploading files directly from their computers. Authors should select a set of classifications for their papers from a given list, as well as a category designation (Original Research Paper, Short Communication, and so on). Electronic PDF proofs will be automatically generated from uploaded files, and used for subsequent reviewing.

Authors should send queries concerning the submission process or journal procedures to AuthorSupport@elsevier.com. Authors can check the status of their manuscript within the review procedure using Elsevier Editorial System.

Authors submitting hard copy papers will be asked to resubmit using Elsevier Editorial System.

Submission of an article is understood to imply that the article is original and is not being considered for publication elsewhere. Submission also implies that all authors have approved the paper for release and are in agreement with its content. Upon acceptance of the article by the journal, the author(s) will be asked to transfer the copyright of the article to the Publisher. This transfer will ensure the widest possible dissemination of information.

All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted.

Acknowledgements

All contributors who do not meet the criteria for authorship as defined above should be listed in an acknowledgements section. Examples of those who might be acknowledged include a person who provided purely technical help, writing assistance, or a department chair who provided only general support. Authors should disclose whether they had any writing assistance and identify the entity that paid for this assistance.

Conflict of interest

At the end of the text, under a subheading "Conflict of interest statement" all authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organisations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding.

Role of the funding source

All sources of funding should be declared as an acknowledgement at the end of the text. Authors should declare the role of study sponsors, if any, in the study design, in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the manuscript; and in the decision to submit the manuscript for publication. If the study sponsors had no such involvement, the authors should so state.Open Access

This journal offers authors two choices to publish their research;

1. Open Access

Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse

An Open Access publication fee is payable by authors or their research funder

2. Subscription

Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our access programs (http://www.elsevier.com/access)
No Open Access publication fee
All articles published Open Access will be immediately and permanently free for everyone to read and download. Permitted reuse is defined by your choice of one of the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike (CC BY-NC-SA): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text and data mine the article, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation, and license their new adaptations or creations under identical terms (CC BY NC SA).

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC-BY-NC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

Creative Commons Attribution (CC-BY): available only for authors funded by organizations with which we have established an agreement with. For a full list please see http://www.elsevier.com/fundingbodies

Elsevier has established agreements with funding bodies. This ensures authors can comply with funding body Open Access requirements, including specific user licenses, such as CC-BY. Some authors may

also be reimbursed for associated publication fees. http://www.elsevier.com/fundingbodies

To provide Open Access, this journal has a publication fee which needs to be met by the authors or their research funders for each article published Open Access. Your publication choice will have no effect on the peer review process or acceptance of submitted articles.

The Open Access publication fee for this journal is $USD 3,000, excluding taxes.

Learn more about Elsevier's pricing policy
http://www.elsevier.com/openaccesspricing

Ethics
Circumstances relating to animal experimentation must meet the International Guiding Principles for Biomedical Research Involving Animals as issued by the Council for the International Organizations of Medical Sciences. They are obtainable from: Executive Secretary C.I.O.M.S., c/o WHO, Via Appia, CH-1211 Geneva 27, Switzerland, or at the following URL: http://www.cioms.ch/publications/guidelines/1985_texts_of_guidelines.htm. Unnecessary cruelty in animal experimentation is not acceptable to the Editors of Veterinary Immunology and Immunopathology.

Sequence data submitted to a publicly accessible database must quote an accession number in the text (Methods section). Patents should also be referenced in the text, if appropriate.

Article Transfer Service
This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically

on your behalf with no need to reformat. More information about this can be found here: http://www.elsevier.com/authors/article-transfer-service.

Preparation of manuscripts

1. Manuscripts should be written in English. Authors whose native language is not English are strongly advised to have their manuscripts checked by an English-speaking colleague prior to submission.

Language Editing: Elsevier's Authors Home provides details of some companies who can provide English language and copyediting services to authors who need assistance before they submit their article or before it is accepted for publication. Authors should contact these services directly. For more information about language editing services, please email authorsupport@elsevier.com.

Please note that Elsevier neither endorses nor takes responsibility for any products, goods or services offered by outside vendors through our services or in any advertising. For more information please refer to our terms & conditions http://www.elsevier.com/termsandconditions.

2. Manuscripts should have numbered lines, with wide margins and double spacing throughout, i.e. also for abstracts, footnotes and references. Every page of the manuscript, including the title page, references, tables, etc., should be numbered. However, in the text no reference should be made to page numbers; if necessary one may refer to sections. Avoid excessive usage of italics to emphasize part of the text.

3. Manuscripts in general should be organized in the following order:

Title (should be clear, descriptive and not too long)

Name(s) of author(s)

Complete postal address(es) of affiliations

Full telephone, Fax No. and e-mail address of the corresponding author

Present address(es) of author(s) if applicable

Complete correspondence address including e-mail address to which the proofs should be sent

Abstract

Keywords (indexing terms), normally 3-6 items. Please refer to last index (Vol. 100/3-4).

Introduction

Material studied, area descriptions, methods, techniques

Results

Discussion

Conclusion

Acknowledgements and any additional information concerning research grants, etc.

References

Tables

Figure captions

Tables (separate file(s))

Figures (separate file(s)).

4. Titles and subtitles should not be run within the text. They should be typed on a separate line, without indentation. Use lower-case letter type.

5. SI units should be used.

6. Elsevier reserves the privilege of returning to the author for revision accepted manuscripts and illustrations which are not in the proper form given in this guide.

7. A number of standard accepted abbreviations can be used in the body of a manuscript without further explanation (see list below), but must be explained if used in the Title or Abstract. Non-standard abbreviations should be explained when first used in the Abstract, and again when first used in the body of a manuscript, and should also be explained in an abbreviations list to follow the list of keywords.

List of standard abbreviations:

Ab	Antibody
Ag	Antigen
AIDS	Acquired immunodeficiency syndrome
APC	Antigen-presenting cell
BCG	Bacillus Calmette Guerin
BSA	Bovine serum albumin
C	Complement
CFU	Colony-forming unit
ConA	Concanavalin A
cpm	Counts per minute
CSF	Colony-stimulating factor
CTL	Cytotoxic T lymphoctye
DMSO	Dimethylsulfoxide
EDTA	Ethylenediaminetetraacetic acid
ELISA	Enzyme-linked Immunosorbent assay
Fab	Monovalent antigen-binding fragment
F(ab1)2	Divalent antigen-binding fragment
FBS	Fetal bovine serum
FCS	Fetal calf serum
Fc&Ggr;R	Receptor for the Fc&Ggr; part of the IgG
FITC	Fluorescein Isothiocyanate
H chain	Heavy chain of Ig
HIV	Human immunodeficiency virus
HLA	Human histocompatibility leukocyte antigen
IFN	Interferon
Ig	Immunoglobulin
IL	Interleukin
i.d.	Intradermal
i.m.	Intramuscular
i.p.	Intraperitoneal
IU	International unit
i.v.	Intravenous

KDD Kilodalton (mol. mass)

KLH Keyhole limpet hemocyanin

L chain Light chain of Ig

LAK Lymphokine-activated killer (cell)

LPS Lipopolysaccharide

mAb Monoclonal antibody

MHC Major histocompatibility complex

MLR Mixed lymphocyte (leukocyte) reaction

M&Fgr; Macrophage

Mr Relative molecular mass

n Number in study or group

ND Not determined

NK Natural killer (cell)

OD Optical density (transmission through turbid suspensions)

OVA Ovalbumin

p Probability

PAGE Polyacrylamide gel electrophoresis

PBL Peripheral blood lymphocytes

PBMC Peripheral blood mononucleur cells

PCR Polymerase chain recation

PBS Phosphate-buffered saline

PHA Phytohemagglutinin

PKC Protein kinase C

PMA Phorbol 12-myristate 13-acetate

PMN Polymorphonuclear (cell, leukocyte)

PPD Purified protein derivative of tuberculin

PWM Pokeweed mitogen

r Recombinant

R Receptor (e.g. IL-2R)

RBC Red blood cells

RFLP Restriction fragment length polymorphism

RIA Radioimmunoassay

RNase Ribonuclease

s.c. Subcutaneous

SD Standard deviation
SDS Sodium dodecyl sulfate
SEM Standard error of the mean
SRBC Sheep red blood cells
SV40 Simian virus 40
TCR T cell receptor
Th T helper (cell)
TGF Transforming growth factor
TNF Tumor necrosis factor
Ts T suppressor (cell)
U Unit
V region Variable region
1°, 2°, 3° Primary, secondary, tertiary
2-D Two dimensional
3-D Three dimensional

Abstracts

The abstract should be clear, descriptive and not longer than 400 words.

Tables

1. Authors should take notice of the limitations set by the size and lay-out of the journal. Large tables should be avoided. Reversing columns and rows will often reduce the dimensions of a table.
2. If many data are to be presented, an attempt should be made to divide them over two or more tables.
3. Tables should be numbered according to their sequence in the text. The text should include references to all tables.
4. Each table should occupy a separate page of the manuscript. Tables should never be included in the text.
5. Each table should have a brief and self-explanatory title.
6. Column headings should be brief, but sufficiently explanatory. Standard abbreviations of units of measurement should be added between parentheses.

7. Vertical lines should not be used to separate columns. Leave some extra space between the columns instead.
8. Any explanation essential to the understanding of the table should be given as a footnote at the bottom of the table.

Illustrations

1. All illustrations (line drawings and photographs) should be submitted as separate files, preferably in TIFF or EPS format.
2. Illustrations should be numbered according to their sequence in the text. References should be made in the text to each illustration.
3. Illustrations should be designed with the format of the page of the journal in mind. Illustrations should be of such a size as to allow a reduction of 50%.
4. Lettering should be big enough to allow a reduction of 50% without becoming illegible. Any lettering should be in English. Use the same kind of lettering throughout and follow the style of the journal.
5. If a scale should be given, use bar scales on all illustrations instead of numerical scales that must be changed with reduction.
6. Each illustration should have a caption. The captions to all illustrations should be typed on a separate sheet of the manuscript.
7. Explanations should be given in the figure legend(s). Drawn text in the illustrations should be kept to a minimum.
8. Photographs are only acceptable if they have good contrast and intensity.
9. If you submit usable colour figures, Elsevier would ensure that these figures appeared free-of-charge in colour in the electronic version of your accepted paper, regardless of whether or not these illustrations are reproduced in colour in the printed version. Colour illustrations can only be included in print if the additional cost of reproduction is contributed by the author: you would receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article.

Please note that because of technical complications which may arise by converting colour figures to 'grey scale' (for the printed version, should

you not opt for colour in print), you should submit in addition usable black and white figures corresponding to all colour illustrations.
10. Advice on the preparation of illustrations can be found at the following URL: http://www.elsevier.com/artworkinstructions

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Preparation of supplementary data

Elsevier now accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, movies, animation sequences, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published free of charge online alongside the electronic version of your article in Elsevier web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please ensure that data are provided in one of our recommended file formats. Authors should submit the material together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit http://www.elsevier.com/artworkinstructions

References

1. All publications cited in the text should be presented in a list of references following the text of the manuscript. The manuscript should

be carefully checked to ensure that the spelling of author's names and dates are exactly the same in the text as in the reference list.

2. In the text refer to the author's name (without initial) and year of publication, followed – if necessary – by a short reference to appropriate pages. Examples: "Since Peterson (1988) has shown that..." "This is in agreement with results obtained later (Kramer, 1989, pp. 12–16)".

3. If reference is made in the text to a publication written by more than two authors the name of the first author should be used followed by "et al.". This indication, however, should never be used in the list of references. In this list names of first author and co-authors should be mentioned.

4. References cited together in the text should be arranged chronologically. The list of references should be arranged alphabetically on author's names, and chronologically per author. If an author's name in the list is also mentioned with co-authors the following order should be used: publications of the single author, arranged according to publication dates – publications of the same author with one co-author – publications of the author with more than one co-author. Publications by the same author(s) in the same year should be listed as 1974a, 1974b, etc.

5. Use the following system for arranging your references:

a. For periodicals

Harp, J.A., Walters, T.E., Goff, J.P., 2004. Lymphocyte subsets and adhesion molecule expression in milk and blood of periparturient dairy cattle. Vet. Immunol. Immunopathol. 102, 9-17.

b. For edited symposia, special issues, etc., published in a periodical

Miller, L.C., Fox, J.M., 2004. Apoptosis and porcine reproductive and respiratory syndrome virus. In: Murtaugh, M.P., Rowland, R.R.R. (Eds), Immunology and Immunopathology of Porcine Reproductive and Respiratory Syndrome (PRRS). Vet. Immunol. Immunopathol. 102, 131-142.

c. For books

Gershwin, M., Naguwa, S., 2005. Allergy and Immunology Secrets, Elsevier, 352 pp.

d. For multi-author books

Butler, J.E., 1981. A concept of humoral immunity among ruminants and an approach to its investigation. In: Butler, J.E., Nielson, K., Duncan, J.R. (Eds.), The Ruminant Immune System, Plenum Press, New York, pp. 3-55.

6. Abbreviate the titles of periodicals mentioned in the list of references in accordance with BIOSIS Serial Sources, published annually by BIOSIS. The correct abbreviation for this journal is Vet. Immunol. Immunopathol.

7. In the case of publications in any language other than English, the original title is to be retained. However, the titles of publications in non-Latin alphabets should be transliterated, and a notation such as "(in Russian)" or "(in Greek, with English abstract)" should be added.

8. Work accepted for publication but not yet published should be referred to as "in press".

9. References concerning unpublished data and "personal communications" should not be cited in the reference list but may be mentioned in the text.

10. Web references may be given. As a minimum, the full URL is necessary. Any further information, such as Author names, dates, reference to a source publication and so on, should also be given.

11. Articles available online but without volume and page numbers may be referred to by means of their Digital Object identifier (DOI) code.

Formulae

1. Give the meaning of all symbols immediately after the equation in which they are first used.

2. For simple fractions use the solidus (/) instead of a horizontal line.

3. Equations should be numbered serially at the right-hand side in parentheses. In general only equations explicitly referred to in the text need be numbered.

4. The use of fractional powers instead of root signs is recommended. Also powers of e are often more conveniently denoted by exp.
5. Levels of statistical significance which can be mentioned without further explanation are * $P<0.05$, ** $P<0.01$ and *** $P<0.001$.
6. In chemical formulae, valence of ions should be given as, e.g., Ca^{2+} not as Ca^{++}.
7. Isotope numbers should precede the symbols, e.g., ^{18}O.
8. The repeated writing of chemical formulae in the text is to be avoided where reasonably possible; instead, the name of the compound should be given in full. Exceptions may be made in the case of a very long name occurring very frequently or in the case of a compound are being described as the end product of a gravimetric determination (e.g., phosphate as P_2O_5).

Footnotes

1. Footnotes should only be used if absolutely essential. In most cases it should be possible to incorporate the information in normal text.
2. If used, they should be numbered in the text, indicated by superscript numbers, and kept as short as possible.

Nomenclature

1. Authors and editors are, by general agreement, obliged to accept the rules governing biological nomenclature, as laid down in theInternational Code of Botanical Nomenclature, the International Code of Nomenclature of Bacteria, and the International Code of Zoological Nomenclature.
2. All biotica (crops, plants, insects, birds, mammals, etc.) should be identified by their scientific names when the English term is first used, with the exception of common domestic animals.
3. All biocides and other organic compounds must be identified by their Geneva names when first used in the text. Active ingredients of all formulations should be likewise identified.
4. For chemical nomenclature, the conventions of the International Union of Pure and Applied Chemistry and the official recommendations

of the IUPAC-IUB Combined Commission on Biochemical Nomenclature should be followed.

Copyright

If excerpts from other copyrighted works are included, the Author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by Authors in these cases: contact Elsevier's Rights Department, Oxford, UK: phone (+1) 215 239 3804 or +44(0)1865 843830, fax +44(0)1865 853333, e-mail healthpermissions@elsevier.com. Requests may also be completed online via the Elsevier homepage http://www.elsevier.com/permissions.

Material in unpublished letters and manuscripts is also protected and must not be published unless permission has been obtained.

Upon acceptance of an article, authors will be asked to sign a "Journal Publishing Agreement"(for more information on this and copyright see http://www.elsevier.com/authors). Acceptance of the agreement will ensure the widest possible dissemination of information. An e-mail (or letter) will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a Journal Publishing Agreement form.

Some funding bodies require public posting of articles based on research which they funded for which a charge is made. For more details, see clause below on 'Funding body agreements and policies'.

Authors Rights

As an author you (or your employer or institution) may do the following:

• make copies (print or electronic) of the article for your own personal use, including for your own classroom teaching use

• make copies and distribute such copies (including through e-mail) of the article to research colleagues, for the personal use by such colleagues (but not commercially or systematically, e.g., via an e-mail list or list server)
• post a pre-print version of the article on Internet websites including electronic pre-print servers, and to retain indefinitely such version on such servers or sites
• post a revised personal version of the final text of the article (to reflect changes made in the peer review and editing process) on your personal or institutional website or server, with a link to the journal homepage (on elsevier.com)
• present the article at a meeting or conference and to distribute copies of the article to the delegates attending such a meeting
• for your employer, if the article is a 'work for hire', made within the scope of your employment, your employer may use all or part of the information in the article for other intra-company use (e.g., training)
• retain patent and trademark rights and rights to any processes or procedure described in the article
• include the article in full or in part in a thesis or dissertation (provided that this is not to be published commercially)
• use the article or any part thereof in a printed compilation of your works, such as collected writings or lecture notes (subsequent to publication of your article in the journal)
• prepare other derivative works, to extend the article into book-length form, or to otherwise re-use portions or excerpts in other works, with full acknowledgement of its original publication in the journal

Funding body agreements and policies
Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors who publish in Elsevier journals to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies).

Proofs

One set of page proofs will be sent by e-mail to the corresponding author (if we do not have an e-mail address then paper proofs will be sent by post). Elsevier now sends PDF proofs which can be annotated; for this you will need to download Adobe Reader version 7 available free from http://www.adobe.com/products/acrobat/readstep2.html.Instructions on how to annotate PDF files will accompany the proofs. The exact system requirements are given at the Adobe Site: http://www.adobe.com/products/acrobat/acrrsystemreqs.html#70win.

If you do not wish to use the PDF annotations function, you may list the corrections (including replies to the Query Form) and return to Elsevier in an e-mail. Please list your corrections quoting line number. If, for any reason, this is not possible, then mark the corrections and any other comments (including replies to the Query Form) on a printout of your proof and return by fax, or scan the pages and e-mail, or by post.

Only typesetter's errors may be corrected; no changes in, or additions to, the edited manuscript will be allowed.

Elsevier will do everything possible to get your article corrected and published as quickly and accurately as possible. Therefore, it is important to ensure that all of your corrections are sent back to us in one communication. Subsequent corrections will not be possible, so please ensure your first sending is complete.

Offprints

The corresponding author will, at no cost, be provided with a PDF file of the article via e-mail. The PDF file is a watermarked version of the published article and includes a cover sheet with the journal cover image and a disclaimer outlining the terms and conditions of use.

Authors can also keep a track of the progress of their accepted article, and set up e-mail alerts informing them of changes to their manuscript's

status, by using the "Track your accepted article" option on the journal's homepage http://www.elsevier.com/locate/vetimm For privacy, information on each article is password-protected. The author should key in the "Our Reference" code (which is in the letter of acknowledgement sent by the Publisher on receipt of the accepted article) and the name of the corresponding author.

Veterinary Immunology and Immunopathology has no page charges